

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

AMANDA NASCIMENTO GASPAR

Da “voga” ao “motor”: ambivalências entre o “tradicional” e o “moderno” na pesca artesanal e na construção naval na Comunidade de Canárias – MA.

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais

Orientador: Dr. Clódsen dos Santos Silva

**PARNAÍBA-PI
2018**

G249v Gaspar, Amanda Nascimento.
Da “voga” ao “motor”: ambivalências entre o “tradicional” e o
“moderno” na pesca artesanal e na construção naval na Comunidade de
Canárias - MA / Amanda Nascimento Gaspar. - 2018.
94 f.: il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, *Campus* Prof.
Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2018.

“ Orientador: Prof. Dr. Clódsen dos Santos Silva. ”

1. Pesca Artesanal – Comunidade Canárias (MA). 2. Construção Naval
- Comunidade Canárias (MA). 3. Sócio - Antropologia. I. Título.

CDD: 301

Folha de aprovação

GASPAR, A. N. Da “voga” ao “motor”: ambivalências entre o “tradicional” e o “moderno” na pesca artesanal e na construção naval na Comunidade de Canárias- MA.
2018. 098 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, Piauí.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Clódson dos Santos Silva

Instituição: UESPI

Julgamento: _____

Prof^a. Dr^a. Áurea da Paz Pinheiro

Instituição: UFPI

Julgamento: _____

Prof. Dr. Jonas Henrique de Oliveira

Instituição: UESPI

Julgamento _____

Dedico esta pesquisa a meu amado pai o Sr. Juvenal de Carvalho Gaspar pelas cobranças sempre precisas. A todos os moradores de Canárias - MA, da região do Delta do Parnaíba, aos pescadores artesanais e aos construtores de embarcações moradores da RESEX, aos meus amigos e mestres que cooperaram para que este trabalho fosse possível.

Agradecimento

A Deus em primeiro lugar pela saúde e força, em quem sempre encontro. A meu orientador Clódson Silva, pelo incentivo, dedicação e abertura para dialogar comigo ao longo da minha trajetória no Curso de Ciências Sociais. Ao meu pai Senhor Juvenal Gaspar pelas cobranças e o empenho ao longo da minha vivência, tanto no meu desenvolvimento social como acadêmico. A minha mãe Dona Lourdes pelo carinho e apoio. Também agradeço aos meus mestres, professores do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí, que ao longo da minha trajetória na Instituição de Ensino sempre se mostraram muito solícitos e abertos a esclarecer as minhas dúvidas e apresentar outras lentes. Estendo essa gratidão a todos os meus professores que me acompanharam desde Canárias, que sempre me mostraram que a leitura e os estudos nos oferecem novas possibilidades além de nos transportar para novos universos. Aos meus interlocutores sem os quais a presente pesquisa não teria sido possível, estendo meus agradecimentos as senhoras Rosa, Guilhermina e Preta. Aos Senhores Nascimento, Riba, Roni, Josiel, Chico e Juvenal, pelas conversas esclarecedoras e por me receberem em suas casas. E em especial a todos os moradores da Comunidade de Canárias, *locus*, gerador de grandes inquietações, ao passo em que também lança possíveis caminhos para as respostas às minhas questões como pesquisadora. Também agradeço a todos os colegas de Curso que se tornaram para mim uma família.

[...] reencontrar a coerência dos sistemas de representação e apreciação, eis o indispensável. Não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções; somente uma tal submissão permite recriar o desejo da beira-mar (CORBIN, 1989, p. 7).

Resumo:

A presente pesquisa é fruto de dois anos de trabalho bibliográfico e de campo, na comunidade de Canárias - MA. Procuramos interpretar as transformações ocorridas na ilha entre meados dos séculos XX e XXI, tendo como pano de fundo o processo de globalização. Elegemos o campo pesqueiro e da construção naval como indicadores dessas transformações. Dada a escassez de pesquisas de enfoque antropológico e sociológico nesses campos de pesquisa. Observamos que a comunidade de Canárias – MA; foi socialmente construída entre fronteiras, pois mesmo pertencendo geograficamente ao território maranhense, construiu um laço identitário com Parnaíba - PI. Dados os limites físicos do ambiente geográfico, referente à configuração de Ilha, as embarcações são indispensáveis para a locomoção e para o trabalho dos pescadores da região. Observamos que ao longo dos anos houve modificações nesse setor, seja através do uso de ferramentas elétricas para o fabrico destas embarcações, seja para o armazenamento do peixe. Constatamos também que nas embarcações houve modificações quanto ao tipo de propulsão, antes totalmente manual, com o uso de remos ou a vela, (“quadrado”). Percebemos que essas modificações são reflexos de um processo mais amplo que tem colocado em xeque questões anteriormente bem definidas e inquestionáveis como as noções de “distâncias” e “identidades”. Diante de tantos fenômenos que ocorrem, percebemos que a abordagem analítica precisaria envolver uma proposta metodológica que nos possibilitasse interpretar a dinâmica das estruturas sociais e, nesse ponto, a sociologia nos oferece ótimas lentes, contudo também se trata de uma Comunidade Tradicional Pesqueira, e para tal tarefa a antropologia também nos possibilita um olhar privilegiado, nesse sentido nos propomos através de uma abordagem sócio-antropológica interpretar como na comunidade de Canárias as transformações nos campos da pesca e da construção naval nos auxiliam a entender mecanismos mais complexos que envolvem as estruturas sociais mais amplas dessa comunidade em uma relação ambivalente entre o tradicional e o moderno, e como isso tem refletido no cotidiano dos seus moradores.

Palavras-chaves: embarcações; identidades; transformações; sócio-antropologia.

Lista de Figuras

Figura 1. Pescadores chegando da costa a Canárias com canoa movida a “quadrado”.

Figura 2. “Motor de centro” em Canárias - MA.

Figura 3. “Chalana” em Canárias - MA.

Figura 4. "Voadeira"; ou lancha rápida.

Figura 5. Pescadores com o “camurupim”, logo após desembarcarem da pesca em Canárias.

Figura 6. Balança de madeira com peso em pedras.

Figura 7. Canoa com "rabeta", motor de popa.

Lista de Mapas

Mapa 1. RESEX Mar do Delta do Parnaíba - ICMBio/MMA

Mapa 2. “Lado de baixo” de Canárias. Fonte: google-Earth

Mapa 3. Imagem do “lado de cima” de Canárias. Fonte: google-Earth

Listas de siglas

Associações de Pescadores da Ilha das Canárias (APECIC)

Associação de Moradores da Ilha das Canárias (AMIC)

Área de Proteção Ambiental (APA)

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA)

Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio)

Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA)

Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS)

Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba (RESEX)

Secretaria de Especial da Agricultura e Pesca (SEAP)

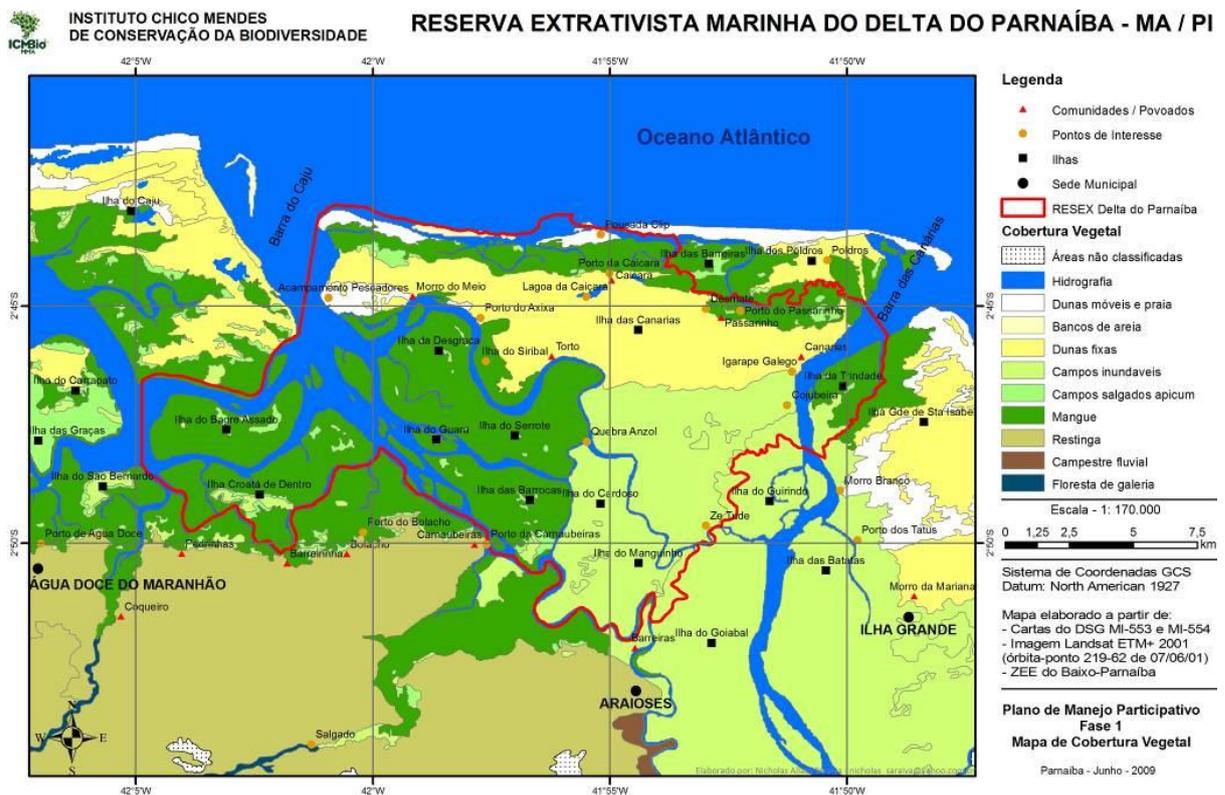
Unidade de Conservação (UC)

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Metodologia: “estranhando o familiar”	13
1.2. Desnaturalizar: um exercício do fazer sócio-antropológico	17
2. LIMINARIDADES NA ILHA DAS CANÁRIAS – MARANHÃO & PIAUÍ, O RIO & O MAR, NATIVA & PESQUISADORA	24
2.1. A ilha das Canárias: as fronteiras e os dilemas sobre o passado e o presente	26
2.2. Itinerários de uma pesquisadora & nativa	28
2.3. Tempo, espaço e <i>status</i> : a modernidade objetificada em símbolos de poder	31
3. OS PARADOXOS DA “MODERNIDADE” E OS CONTORNOS DO “TRADICIONAL” NO DELTA DO PARNAÍBA	39
3.1. <i>“Tudo era mais difícil, mas era bom”</i> : revisitando as representações sobre o passado “tradicional” de Canárias.....	39
3.2. Pelo Parnaíba: antigas e novas práticas de comércio entre Canárias- MA e a cidade de Parnaíba - PI	45
3.3. O extrativismo vegetal subsidiando a indústria em Parnaíba: uma atividade basicamente feminina	48
4. DA LAVOURA À PESCA: A CENTRALIDADE DA ATIVIDADE PESQUEIRA COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL DE CANÁRIAS - MA	39
4.1. Território e <i>status</i> a partir da espacialidade.....	57
4.2. A pesca de rio e a pesca do mar: performatividades na pesca artesanal	59
4.3. O pescador-lavrador: agricultura e pesca em Canárias	66
5. “HOMENS” E “MENINOS”: UMA PERSPECTIVA COMPARADA DE GERAÇÕES NA PESCA E NA CONSTRUÇÃO NAVAL NA COMUNIDADE DE CANÁRIAS-MA	69
5.1. Analisando quatro gerações na pesca artesanal	70
5.2. A questão da construção naval na comunidade	78
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA	91

1. INTRODUÇÃO

Ao tomarmos como pano de fundo o acelerado e constante processo de globalização pelo qual passam as sociedades contemporâneas, no qual as barreiras físicas e espaciais se reconfiguraram mediante o uso cada vez mais frequente de aparatos tecnológico incorporados ao cotidiano, nesta pesquisa procuramos interpretar as representações que coexistem e identificar os pontos de hibridação cultural entre os traços tradicionais e contemporâneos no cotidiano de uma ilha localizada na região do Meio Norte do Brasil. A Ilha das Canárias, *locus* da nossa investigação, situada no Delta do Parnaíba, politicamente pertencente ao município de Araiozes – Maranhão e, geograficamente, fronteira com o Estado do Piauí.



Mapa 1. RESEX Mar do Delta do Parnaíba - ICMBio/MMA

Banhada pelo Rio Parnaíba, assim como pelo Oceano Atlântico, a Ilha das Canárias está inserida em uma Área de Proteção Ambiental - APA do Delta do Parnaíba, criada pelo decreto s/n.º de 28.08.1996; possui aproximadamente 3.031 km² e abrange os estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Em 2000, a Ilha das Canárias passou a fazer parte da Reserva Extrativista Marinha

do Delta do Parnaíba (RESEX), criada pelo Decreto s/n.º de 16.11.00, na área da APA, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Como Unidade de Conservação (UC), a Ilha das Canárias tem a atuação de órgãos federais tais como o Instituto Chico Mendes (ICMBio), vinculado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), assim como ao Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA).

Os “imponderáveis do real”, ou o cotidiano têm sido na contemporaneidade uma importante ferramenta analítica pela qual é possível interpretar determinado fenômeno a partir de seus aspectos rotineiros, repetitivos. Nesse sentido, pesquisamos a comunidade de Canárias - MA, uma Comunidade Tradicional Pesqueira, com vivências da pesca associadas ao meio fluvial, lacustre (dependendo das temporadas de chuvas) e marítimo. Até meados do século XX, a comunidade também praticava a agricultura, explorando principalmente a cultura do arroz.

Por ter a configuração de ilha, seus moradores precisam se locomover em embarcações diariamente a municípios vizinhos como a Ilha Grande de Santa Isabel - PI, ancorado no Porto dos Tatus para ter acesso a Parnaíba - PI. Para tanto, as embarcações como canoas, chalanas, motores de centro, “voadeiras”, também conhecidas como lanchas rápidas, são meios de ligação da comunidade com o seu entorno. Inserida no cenário da globalização e do capitalismo percebemos que existem permutações entre os interesses de continuidade e de descontinuidade na escolha de elementos exógenos e endógenos que são perpetuados e esquecidos, como a canoa a remo, gradativamente passando a ser motorizada.

Analisamos, portanto, por meio de uma abordagem qualitativa, as transformações sociais e seus impactos no cotidiano dessa comunidade, tomando como ponto de partida o advento da energia elétrica no ano de 2005 e a chegada de elementos tecnológicos para percebermos as modificações causadas na construção das embarcações, por meio do acompanhamento expresso na dinâmica de quatro diferentes gerações de pescadores e construtores navais, recorrendo à análise tanto estrutural quanto individual, procurando identificar de que maneira o cotidiano desses indivíduos foi modificado.

A questão norteadora do presente trabalho de pesquisa foi compreender nas falas e interpretações dos moradores de Canárias, a maneira como percebem suas práticas pesqueiras e de construção naval. Por meio de quatro gerações distintas, analisamos as representações desses sujeitos com faixa etária que variou entre 18 e 100 anos. Tomamos como referência os

elementos de ancestralidade, historicidade e cultura presentes nas suas falas, rememoradas e construídas às margens do rio Parnaíba.

Usamos uma abordagem sócio antropológica para registrar e interpretar os olhares e as falas dos moradores de Canárias, por vezes imersos na naturalização de seus cotidianos. Nesse sentido, procuramos apontar alguns indicadores e possíveis eixos interpretativos para uma reflexão que contemple as transformações nessa comunidade de pescadores.

1.1. Metodologia: “estranhando o familiar”

Faz parte do *métier* sociológico eger, a partir dos fragmentos dos fenômenos sociais, os pontos nevrálgicos, que interligam grupos de atores sociais, e a partir desses pontos, construir suas interpretações. Dessa maneira, procuramos neste trabalho interpretar o pescador e o construtor naval como “homens simples”, de uma “realidade” singular, entendendo-os enquanto sujeitos histórico-culturais (MARTINS, 2008).

Nesta pesquisa, que tem como *locus* a comunidade de Canárias, utilizamos como método de investigação científica a análise qualitativa. Buscamos desenvolver uma abordagem sócio antropológica dos fenômenos socioculturais presentes em uma comunidade que é majoritariamente composta de pescadores artesanais. Contudo, antes de apresentarmos os dados etnográficos propriamente ditos, cabe explicitar algumas questões metodológicas que nortearam nosso trabalho.

A escolha da abordagem antropológica na construção do nosso objeto de pesquisa foi firmada a partir da leitura de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* de Malinowski (1978). Após o contato com esse clássico da antropologia, começamos a perceber similaridades entre certos aspectos contidos na descrição das ilhas trobriandesas e Ilha das Canárias. A pesca e o fluxo de mercadorias são os aspectos mais evidentes. Um fato que nos despertou curiosidade foi perceber que além de possuir um acervo enorme de embarcações nas margens do rio em Canárias também existe a produção dessas embarcações. Entretanto, tal tarefa é delegada apenas a certos moradores, que são especialistas “os mestres” na construção naval. São eles os responsáveis por elaborar as embarcações de acordo com os usos a serem dados pelo futuro proprietário.

Assim como nas ilhas descritas por Malinowski, a Ilha das Canárias poderia passar a impressão de um cenário idílico, uma ilha habitada por uma comunidade tradicional, com relativa autonomia do “mundo de fora”, onde predomina o “tempo da natureza”, de economia

local baseada na pesca artesanal e agricultura familiar, uma comunidade quase que autônoma produzindo os seus próprios meios de subsistência. Todavia, essas são impressões baseadas em uma concepção apriorística difundida por visitantes ocasionais que chegam à ilha, geralmente para fazer turismo e que por não considerarem as lógicas sociais do lugar, que também tem, intrigas, conflitos, divergências, brigas, formas de facilmente identificadas no dia a dia da comunidade.

Lógicas que atestam como as comunidades tradicionais ainda são vistas como grupos, à parte, do desenfreado processo de globalização que, “aparentemente”, se situa apenas nos grandes centros urbanos. Entretanto, as rupturas, descontinuidades e os problemas típicos que afetam outros grupos sociais, também fazem parte do cotidiano dos “povos do mar”. Tomar uma cultura, a partir de sua aparente estabilidade e ausência de conflitos nas relações sociais dos indivíduos, é um pressuposto que todo pesquisador precisa de antemão desconstruir de seu olhar.

Na perspectiva metodológica do presente trabalho as contribuições de Malinowski ocorreram principalmente, na sua perspectiva sobre a relação com a alteridade na pesquisa de campo, no uso da fotografia e no método etnográfico, para coleta de dados. Contudo, não negligenciamos que algumas das suas opções metodológicas foram postas em xeque por James Clifford (1998), quando, por exemplo, questiona a “autoridade etnográfica” do antropólogo frente aos informantes. Ao tentar lançar luzes sobre o papel da cultura para os indivíduos, James Clifford (1998) tece duras críticas ao funcionalismo adotado por Malinowski. Uma das críticas de James Clifford ao funcionalismo de Malinowski é referente à oferta das explicações no meio social, por exemplo, a ausência de conflitos, nessa perspectiva as sociedades apresentam uma aparente linearidade e estabilidade. Outro ponto levantado por ele se desenvolve a partir da noção de “autoridade etnográfica” do pesquisador. Conceito no qual, o pesquisador a todo instante parece insistir em dar significado a dados que muitas vezes não são questões do próprio campo.

Ao exercer a autoridade etnográfica, o pesquisador por vezes acaba construindo uma narrativa do campo na qual o fenômeno, por ele descrito, é apresentado como um objeto que está totalmente entregue ao poder de sua descrição, e, portanto, ao seu controle. Entretanto, enquanto ciência interpretativa, a sociologia e a antropologia procuram trazer para o campo científico os debates e as questões dos grupos com os quais interagimos. Uma das ramificações na qual se expressa à autoridade durante a pesquisa é a “autoridade polifônica”, conceito que o

autor defende para descrever as outras vozes presentes na pesquisa, mas que são sutilmente silenciadas nos textos acadêmicos.

É o que geralmente acontece em textos ditos “monofônicos”, nesse tipo de construção textual, as ideias do autor são expostas e entendidas pelos seus leitores, como se ele mesmo as tivesse “captado”, sem ajuda de terceiros ou até mesmo sem nenhum tipo de informante, atualmente, designados como colaboradores. Segundo James Clifford (1998), é preciso que o pesquisador revele alguns aspectos dos bastidores da pesquisa, além de experimentar situações, interpretar dados e situações, dialogar com os pares e revelar as vozes que muitas vezes parecem estar monopolizadas pela autoridade do escritor.

Essa reflexão se tornou ainda mais evidente em campo. Nós pesquisadores devemos nos policiar constantemente e nos permitir perceber as indagações, as questões dos nossos interlocutores. Desenvolver uma sensibilidade para ouvir suas inquietações. Nas primeiras conversas que tivemos, (por não adotarmos uma atitude de estranhamento), deixávamos de notar pontos de fuga, que nossos interlocutores produziam nos diálogos. Parecia estarmos focados apenas nas embarcações e por vezes, o contexto estrutural mais amplo fugia a nossa percepção. Após algumas releituras aos textos e procurando as conexões com as entrevistas, pudemos perceber que esses nossos interlocutores também manipulam suas vozes em diferentes contextos dentro da estrutura social de Canárias.

Suas falas mais corriqueiras, como os questionamentos que permeiam o campo político, de aparente descaso do governo municipal em pontos como: a contenção do avanço do rio sobre a comunidade, alguns dos moradores de mais idade relatavam com preocupação, lembrando que, há cerca de 40 anos, a comunidade estava localizada onde hoje corresponde ao meio do rio. A falta de oportunidades de emprego para os seus filhos e netos; a falta de uma rede de distribuição de água e saneamento básico; o contexto político das colônias de pescadores também eram temas recorrentes nos diálogos. Todas essas são questões que permeiam o cotidiano do canarense, que em um texto monofônico seriam desconsideradas.

O texto de Roberto Cardoso de Oliveira (2006) a respeito da observação participante também foi um importante referencial no processo de treinamento do nosso olhar antropológico sobre a Ilha das Canárias. O autor expõe três características básicas relativas ao papel do antropólogo: o "olhar", o "ouvir" e o "escrever". De acordo com o autor, o olhar do antropólogo recebe o que ele descreve como uma "domesticação teórica do seu olhar", assim quando o pesquisador se dirige a campo, através das leituras que ele realizou em textos etnográficos, se

torna um potencial observador, capaz de captar detalhes e especificidades, que outros não o perceberiam.

O “ouvir” também é passível de treinamento, desenvolvendo a capacidade do antropólogo de detectar, em meio ao vasto universo, o lugar de onde seus entrevistados falam. Compreender os valores que estão no pano de fundo do local no qual ecoam as vozes. A linguagem é o ponto de partida para que o pesquisador adentre à cultura em questão. E para além do ouvir, o antropólogo precisa estar constantemente alerta para que desenvolva o *feeling*, exercite a sensibilidade e rapidez em entender as nuances próprias do campo que observa e participa.

E finalmente, o “escrever”, a parte final do processo da pesquisa, na qual o antropólogo, já no conforto de sua casa, começa a catalogar e separar os dados para que o amontoado de informações se transforme em um texto composto de problematizações, que sejam capazes de descrever com profundidade as manifestações da vida nativa.

Laplantine (2003) argumenta que a observação participante é um processo no qual é necessário haver trocas e estabelecer diálogos. O pesquisador no processo de estar no campo deve se aprofundar ao máximo em conversas com seus entrevistados. Não privilegiar somente o que dizem os teóricos a respeito dos mesmos, e, conseqüentemente, deve direcionar seu olhar para o que dizem os praticantes delas, seus informantes, atentando-se para as duas faces do conjunto pesquisado.

Por sua vez Clifford Geertz (2008), ao propor uma “descrição densa”, defende o argumento de que o texto etnográfico deve buscar constantemente trazer em seu corpo os embates e as angústias que afloram em campo. Já para James Clifford (1998), o escrever constitui a fase final de um longo processo de pesquisa na qual o ver e o ouvir estão envolvidos profundamente na função de escrever.

Uma das diretrizes que os pesquisadores precisam compreender é que, ao fazermos pesquisa, devemos ser capazes de perceber através de nossas próprias faculdades, o que os nativos percebem, e ainda mais, como eles o fazem, vendo ou mesmo ouvindo o que percebem. Um segundo aspecto a se considerar é que o pesquisador precisa constantemente exercitar o seu olhar, uma tarefa, *a priori*, difícil, mas necessária para que o cotidiano ensejado de seus aspectos repetitivos continue a oferecer dados sobre o fenômeno em questão.

Dessa maneira, entender o outro, tendo como base as questões que os próprios levantam, traz com mais precisão a compreensão de quem ele é de fato. Até porque as lentes quando bem

ajustadas revelam o outro e uma parcela de como ele enxerga o seu mundo. Ou também, pode ser expresso, segundo Geertz, ao descrever que: “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade” (GEERTZ, 2008 p.10).

Interpretamos o cotidiano de Canárias observando os aspectos da realidade local, das representações que as os indivíduos constroem e reproduzem na comunidade. No que nos diz respeito à “realidade” social, Weber (2015) adverte-nos para o fato de que a todo instante nós cientistas tentamos interpretar nosso fenômeno e nesse processo, a realidade aparece muitas vezes como um dado em si. Para o autor, é dever do cientista entender que a todo instante existem diferentes realidades coexistindo; e mesmo que essa pareça uma tarefa muito complexa, o pesquisador precisa ter noção de que essas “realidades” são fontes de infinitas “verdades”, que podem ser reinventadas a qualquer momento. A verdade então seria uma busca incansável, mas empiricamente difícil de ser encontrada. Primeiramente, porque devemos saber que o que existem são realidades, no plural; além desse, outro ponto discutido por Weber é a dinâmica acelerada na qual acontecem os fatos sociais, sua restrição à repetição e que possuem significados compreensíveis apenas dentro de determinados espaços temporais, socioculturais (WEBER, 2015).

Nesse sentido, fica evidente que a interação que se estabeleceu entre o eu, pesquisadora-nativa e os interlocutores do campo, tanto naval como pescador, possibilitou lançar um olhar sobre essas modificações no cotidiano por vezes alienante, dada a rapidez com que acontecem as transformações advindas com a “modernidade”, nesses setores da vida de todos os dias de Canárias. Pesquisar o lugar do qual fazemos parte exige um esforço constante de observação e utilização dos dados. Canárias passou a ser para mim uma colcha de retalhos com diferentes fenômenos, prismas e lugares de fala, que permeiam o cotidiano. Estranhar o familiar trouxe à tona as diferenciações que existem dentro do próprio campo, suas hierarquias e distinções, e que embora, enquanto integrante da comunidade, existem determinados segmentos desse todo que nos escapam despreziosamente, mesmo que antes pensasse ter noção do todo.

1.2. Desnaturalizar: um exercício do fazer sócio-antropológico

Principalmente durante a fase de campo da nossa pesquisa, nos defrontamos constantemente com questões metodológicas, já que nos propusemos a pesquisar uma

comunidade da qual pertencemos. O que nos levou a um espaço liminar e ambíguo de ora ser pesquisadora, ora ser nativa.

As questões que norteavam as pesquisas antropológicas até o século XX apresentavam a lente de “naturalizar” o estranho. Nesse contexto, as pesquisas estavam localizadas em comunidades distanciadas do próprio contexto do pesquisador, já que era de interesse dos pesquisadores entender as culturas distintas, “exóticas”. Atualmente, no século XXI, os paradigmas atuais, principalmente no que se refere às questões vanguardistas, levantadas por Gilberto Velho e posteriormente Karina Kuschinir (2003), procuram trazer os olhares para o cotidiano dos próprios pesquisadores. O fenômeno social que nos propusemos investigar, semelhante aos pesquisados pelos antropólogos supracitados, se passa na comunidade da qual fazemos parte, o que levanta uma série de implicações metodológicas.

A respeito desse lugar particular no qual estão situados aqueles que decidem desnaturalizar os elementos até então cristalizados da sua própria cultura, Gilberto Velho (1998) adverte que existe uma dificuldade ao nos defrontarmos com o que se tornou “familiarizado”. Diante disso, é preciso que o antropólogo realize “[...] o processo de estranhar aquilo que está naturalizado, sem que, contudo, enlouqueça, pois este é treinado para isso.” (VELHO, 1998, p. 18). Nesse ponto, Velho se volta à questão clássica mannheiniana sobre as possibilidades do intelectual se alçar e, constantemente, exercitar o desprender-se de suas “determinações sociológicas” mais imediatas, atingindo uma visão mais globalizadora e abrangente. Nesse sentido, nós pesquisadores devemos nos permitir olhar outras esferas do cotidiano, além das que insistimos em ressignificar.

No exercício de nos distanciarmos das nossas pré-noções e dos nossos próprios valores, percebemos que, embora procurasse nos desvencilhar do olhar de uma nativa, que pesquisa seu cotidiano, do outro lado nos deparávamos com entrevistados que possuíam uma série de pré-noções e informações a nosso respeito, isso porque são dados compartilhados pela maioria dos moradores da ilha. Entramos em um jogo de representações tal como o que Ervin Goffman (1975) descreve a respeito dos “papeis sociais”, que são veiculados em pequenos grupos, nos quais alguns atores conhecem informações privilegiadas sobre seu interlocutor.

Ao lidar com indivíduos com quem convivíamos cotidianamente, percebemos que os nossos interlocutores nos percebiam como uma “mocinha da universidade”. As redes familiares das quais pertencemos também eram acessadas nas conversas. Categorias, no sentido de nos localizar no esquema social, eram lançadas sobre nós, tais como ser mulher, estar dentro de

certa faixa etária, ser filha de um pescador e construtor de embarcações e de uma funcionária pública, de sobrenome “Gaspar”. Dados esses que nos fixam dentro de uma estrutura social, que situa os moradores por categorias de parentesco. O que também nos torna “sujeitos socialmente localizáveis”, dentro dessa extensão social, cultural, espacial e familiar que regulamenta as relações locais.

Constatamos nesse instante a rede de relações mencionadas por Geertz (2008). Conforme o autor, a cultura é definida como uma rede de teias que interliga micro e macroestruturas entre si. Uma fornecedora de dados que podem ser compartilhados pelos que detém esse saber comum, que possibilita localizar aspectos do social e ainda dados da maneira como nos comportamos e a forma com é processado do cotidiano local.

Enquanto mecanismo de reprodução da estrutura social, a cultura em comunidades tradicionais é perpetuada principalmente através da oralidade. Os saberes são transmitidos dos mais velhos aos mais jovens nos núcleos familiares, reforçados por laços de parentesco até atingir a consciência coletiva dos indivíduos pertencentes aquele contexto social. Nesse sentido, percebemos que existem elementos culturais e identitários, capazes de serem compartilhados por um conjunto de atores. A esse conjunto de signos e símbolos significantes Clifford Geertz (2008) define como cultura.

Ao interpretarmos a comunidade de Canárias, a partir da pluralidade de suas expressões no campo da pesca, da construção naval e do cotidiano, utilizamos como referência para o conceito de cultura desenvolvido por Clifford Geertz (2008), para quem a cultura pode ser entendida como um dado:

[...] essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...] (p. 15).

Diante do que foi exposto, reiteramos que a pesquisa que elaboramos tem como um de seus pressupostos o caráter interpretativo. De acordo com Geertz (2008), o que fazemos quando em campo é interpretar interpretações, pois cada campo tem em si, códigos que fazem sentido apenas para os que dele participam. Embora, enquanto mulher nativa da comunidade conheçamos alguns dos códigos da cultura na qual estou inserida, existem outros tipicamente do universo masculino como no caso da pesca embarcada que temos acesso apenas através das representações que nos foram narradas pelos nossos entrevistados.

Dessa forma, a aparente “facilidade” de obter informações, pelo simples fato de estar inserida *in loco*, se mostrou uma visão um tanto ingênua. Pesquisar o sistema cultural do qual se faz parte foi desafiador. Diferentemente das concepções apriorísticas, da aparente “facilidade” de nos inserir no campo, um dos primeiros indicadores da dificuldade em me debruçar sobre o campo pesqueiro, foi que é majoritariamente exercido por homens, cerca de 83%, com para apenas 17% de mulheres (MEIRELES, 2012).

A construção naval também é outro meio no qual a presença de mulheres na ilha é nula. E nesse sentido, também a nossa presença enquanto mulher, repleta de curiosidades sobre o assunto, provocava certa intimidação por parte dos nossos interlocutores, principalmente em questões relativas às técnicas, tipo de madeira utilizada, somado ao nosso “estranho interesse” pelo assunto. Fato que atribuímos ao desinteresse um tanto “incomum” para as moças da região.

Além do acesso às “informações privilegiadas”, como tipo de madeira, materiais utilizados para a construção e, até mesmo a estrutura de parentesco desse campo, já que todos na comunidade de certa forma se conhecem. Ao nos debruçarmos sobre o cotidiano desses profissionais, ocorre em certo sentido um processo de “estranhamento”. Percebemos que na pesquisa de campo esse processo de desnaturalizar o cotidiano e sua aparente alienação do não questionar porque se usa uma madeira x, em vez de uma outra y, por exemplo. Constatamos que em medidas distintas esse processo tanto nos atingiu, como também aos nossos colaboradores. Principalmente no processo de estabelecer significado a questões naturalizadas do próprio cotidiano dessas pessoas, seja com relação a sua profissão ou até mesmo na utilização dos termos técnicos da construção naval.

Nesse interim, o “nosso lugar” e a nossa “identidade”, enquanto membro de um segmento na hierarquia social local, foi posto em xeque. Já que as mulheres na Ilha são desde a infância conduzidas a se “interessarem” por outras atividades. Nesse sentido, muitas vezes ao abordarmos nossos interlocutores, fomos prontamente questionadas sobre o porquê pesquisar a construção naval e os pescadores da Ilha. Quando o estranhamento não era proferido estava evidente no olhar de perplexidade que nos lançavam.

Pesquisar Canárias suscitou pessoalmente profundos questionamentos. De um lado precisamos estranhar e nos questionar sobre assuntos e ideias que até então eram óbvias em nosso cotidiano. Por outro lado, ao tomarmos a posição de pesquisadora nos situamos, mas também fomos situadas por nossos informantes em uma zona liminar e ambígua, parte pesquisadora e parte nativa.

Tal processo foi muito confuso no início, principalmente para aqueles entrevistados com quem temos laços de parentesco. Aliás, mesmo que empiricamente não haja laços sanguíneos entre todos os nativos da Ilha, é pensamento corrente entre os moradores locais que todos são ligados por vínculos de parentesco “Aqui todo mundo é parente de todo mundo”.

Esses laços possibilitaram termos acesso a esses informantes, seja dentro da própria família ou no acesso a amigos de amigos. Certamente foram fatores que colaboraram com o trabalho de campo. Contudo, neste mesmo processo, vivenciamos também uma “identidade paralela”, pois não era mais apenas a filha do “Seu” Juvenal e da “Dona” Lourdes, mas, também era “uma menina que faz um trabalho sobre canoas para a faculdade”.

As entrevistas que subsidiaram este trabalho foram semiestruturadas, com abertura para que os entrevistados pudessem expor suas vozes no texto. Acompanhamos a comunidade por volta de um ano mais especificamente para entender a dinâmica local, inicialmente, desenvolvendo um projeto de Iniciação Científica, com o objetivo de realizar um levantamento das construções navais presentes em Canárias. Percebemos que existiam outros pontos a serem explorados na Comunidade como a dinâmica entre as pescas de rio e de mar. A inserção de motores nas embarcações e a chegada da energia elétrica, que modificou de forma exponencial o cotidiano.

A presente pesquisa tem como abordagem a análise qualitativa. Os questionários foram semiestruturados, com abertura para que nossos interlocutores pudessem narrar suas experiências sobre o cotidiano da comunidade. Na primeira fase do trabalho, foram entrevistadas as Senhoras Guilhermina, Preta e Rosa, todas aposentadas com idades entre 64 e 100 anos. Todas essas mulheres vivenciaram diferentes contextos da história local. Na segunda fase, entrevistamos os Senhores Nascimento, Roni, Riba e Chico, Juvenal e Josiel, com idades entre 18 e 70 anos.

Recorremos à metodologia de entrevista para que pudéssemos ter acesso a dados empíricos sobre o lidar com a pesca e a construção naval. Dada a escassez de fontes historiográficas, sociológicas e antropológicas em específico sobre a comunidade. As questões abordadas perpassam questões do cotidiano como: moradia, fontes de renda e sobre o passado de homens e mulheres no lidar com as estruturas representativas do seu tempo.

O texto da monografia foi estruturado da seguinte maneira. No primeiro capítulo, intitulado *Liminaridades na Ilha das Canárias: Maranhão & Piauí, o rio & o mar, nativa & pesquisadora*, delimitamos como recorte empírico a comunidade de Canárias. Nessa primeira

parte, construímos um panorama de aspectos gerais da comunidade na qual nos inserimos, para a qual realizamos coleta de dados; apresentamos também aspectos conceituais da pesquisa; um panorama geopolítico da comunidade e os dilemas de estar em uma zona de fronteira entre os estados do Maranhão e do Piauí. Ressaltamos também neste primeiro capítulo a nossa jornada enquanto pesquisadora e ao mesmo tempo nativa da comunidade.

No segundo capítulo, *“Somos globais! ”: os paradoxos da contemporaneidade e os contornos do tradicional no Delta*, nos debruçamos principalmente sobre o passado de Canárias, dada a escassez de fontes historiográficas, recorremos a entrevista com as pessoas mais velhas da Ilha, construindo, por meio de entrevistas, as memórias de Canárias no “tempo de criança” das mulheres, aproximadamente da primeira metade do século XX. Identificamos esse passado por meio das relações comerciais entre Canárias-MA e Parnaíba-PI. Observamos que as formas de sociabilidade que ordenavam as parcerias nas viagens de canoas, principal meio de transporte da Ilha, que agrupava vínculos de parentesco e relações de vizinhança nas viagens pelo rio Parnaíba. Essa trajetória até Parnaíba-PI ainda se mantém, mas em outras condições. Buscamos evidenciar neste capítulo a polifonia das vozes do campo, tendo em vista que, como uma ciência interpretativa, a sócio-etnologia trabalha com categorias nativas que surgem em campo.

No terceiro capítulo, denominado *Entre identidades: o ser pescador e ser agricultor em uma comunidade tradicional*, nos debruçamos sobre esse personagem que habita a região do baixo Parnaíba. O habitante da Ilha, recorrentemente, reflete a dinâmica com o rio, seja por meio de canoa ou com as redes de pesca. O mar e o rio são signos que identificam o pescador artesanal, categoria de trabalho designada em sua Carteira Profissional, mas que também construiu fortes ligações com a terra. Na fase de coleta de dados, constatamos que a comunidade compartilhava a identificação trabalhista expressa na dualidade de cultivar o arroz e de ser pescador, no meio fluvial, lacustre e marinho. Enquanto fenômeno social, a transferência da lavoura para a pesca acarretou nítidas transformações no campo do trabalho, afetando identidades até então consolidadas. Deixar a roça para se dedicar à pesca na comunidade significava ascender economicamente, já que a posição de *status* que envolve a figura do pescador desvalorizava o personagem agricultor.

No quarto capítulo, abordamos em perspectiva comparada quatro gerações de pescadores e construtores navais como indicadores das transformações sociais que cotidianamente se modificam nas práticas sociais e o modo de organização da ida para o mar e

para o rio. Designado de *“Homens e meninos”*: uma perspectiva comparada de gerações na pesca e na construção naval na comunidade de Canárias-MA, esse capítulo nos revelou que embora a pesca e a construção naval na comunidade ainda resistam ao longo de diferentes gerações, as maneiras de fazê-las se modificaram ao longo dos anos, de forma mais explícita nos últimos doze anos, desde a chegada da energia elétrica em 2005. A formação para a pesca do mar foi modificada com a chegada das “rabetas” (motores de popa), a maneira e o tempo de construir canoas foi também modificado pelo uso cada vez mais frequente de aparatos elétricos.

Nos propomos a traçar os “rastros” do ambivalente processo de globalização na comunidade, bem como a maneira como esse processo afetou as identidades locais. Diante disso, procuramos observar como ocorre a relação entre as estruturas macro e micro. Stuart Hall (2011) analisa como as pequenas e grandes comunidades são inseridas no mundo dito globalizado através de práticas de consumo, do acesso a bens e serviços. Veículos esses que possibilitam aos indivíduos de comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, estabelecerem interconexões com comunidades ditas globais, incorporando em certo sentido elementos de fora das suas comunidades. O texto foi normatizado conforme as Diretrizes para apresentações de dissertações e teses da USP (2016).

2. LIMINARIDADES NA ILHA DAS CANÁRIAS – MARANHÃO & PIAUÍ, O RIO & O MAR, NATIVA & PESQUISADORA.

A Ilha das Canárias possui um bioma extremamente rico em fauna e flora, o que reflete em características próprias no que refere às formas de sociabilidade estabelecidas pelos moradores, predominantemente pescadores. A Ilha é composta por um conjunto de cinco comunidades: Caiçara, Canárias, Morro do Meio, Passarinho e Torto. Para este estudo, delimitamos como recorte empírico apenas a comunidade de Canárias, por ser o ponto de convergência econômico, geográfico e cultural a partir do qual os moradores da comunidade recebem mercadorias e realizam diferentes tipos de interação com o continente a partir do cais. O Povoado das Canárias - MA é composto por 299 famílias e aproximadamente 1.700 habitantes de acordo com Vieira *et al* (2014).

Os “becos”, que recortam a comunidade, são estreitos; esses espaços não são pavimentados por completo, já que na fase final da pesquisa a Prefeitura de Araióses, formulou um projeto para interligar alguns trechos das duas ruas principais, com calçamento.

Enquanto comunidade tradicional pesqueira, a população de Canárias sobrevive principalmente da pesca artesanal, sendo dessa maneira uma comunidade tradicional pesqueira. Fator que enriquece ainda mais o legado material simbólico das técnicas e objetos culturais, que dão forma e significado ao cenário local. Canoas e embarcações de médio porte tais como: “chalanas”, lanchas “motor de centro” e “voadeiras” são deixadas nas margens da ilha, dando cor e forma ao legado cultural e identitário de Canárias.

Além da pesca existem outros meios de sobrevivência na localidade. Enquanto polo turístico, na Ilha, atualmente, existem três pousadas, uma disposta na extremidade “de cima”, a Casa de Caboclo e outras duas na extremidade “de baixo”, Recanto dos Pássaros e Paraíso das Canárias. Todas localizadas nas margens do rio.

Na comunidade também existem alguns servidores públicos municipais, que trabalham nas escolas, no posto de saúde e alguns outros contratados para serviços diversos. Recentemente foi inaugurada a primeira farmácia local. Também existem pequenos comércios, que abastecem a comunidade com produtos básicos. Outra fonte de renda são os bares espalhados nas margens do rio e alguns clubes de festas no interior da comunidade. O transporte de passageiros, seja terrestre ou pluvial, também é um campo que tem se expandido exponencialmente nos últimos anos. Em Canárias, também há uma padaria e algumas lanchonetes. Algumas mulheres trabalham como vendedoras de roupas e produtos de beleza. Além disso, existem os criadores

de animais de pequeno, médio e grande porte, alguns agricultores, alguns artesãos e aposentados.

No campo religioso, embora a comunidade de Canárias em sua maioria seja composta de católicos, também existem outros grupos religiosos. Há uma Igreja Católica, na área central da comunidade, um templo da Assembleia de Deus Missão e um da Comunidade Evangélica em Canárias, ambas na parte “de cima” da Ilha.

Outros lugares de sociabilidade são os campos de areia, no qual os jovens frequentemente jogam futebol. No centro da comunidade também há uma pequena quadra de esportes aberta ao público e sem cobertura. No “lado de cima” possui uma quadra de esportes coberta, anexada à Igreja Comunidade Evangélica.

Um dado interessante que surgiu durante as conversas informais com interlocutores foi que o formato geográfico da ilha nem sempre teve a mesma configuração que o atual. Segundo esses moradores, o rio Parnaíba era bem mais estreito e as casas dos moradores mais antigos estavam localizadas aonde atualmente corresponde ao meio do rio. O avanço cada vez mais constante das águas do Parnaíba tem modificado a paisagem cultural, antes mais rica em imensos cajueirais e coqueirais ao longo da margem. Nesse processo e com o aumento da população as casas atuais vêm sendo construídas em regiões afastadas da beira do rio.

Inúmeras foram às transformações ocorridas na Ilha das Canárias a partir do final da segunda metade do século XX. Tomamos como principal marco referencial a chegada da energia elétrica. Apontamos a intensificação do ecoturismo, com a incorporação da Ilha no circuito da “Rota das Emoções” – roteiro turístico que interliga Jericoacora no Ceará, o Delta do Parnaíba no Piauí e os Lençóis Maranhenses; a maior rapidez no deslocamento da ilha até o continente por meio de embarcações motorizadas localmente conhecidas como “voadeiras”; e a instalação da telefonia móvel e da internet.

Para dar conta dessas inúmeras mudanças, escolhemos analisar o campo da pesca tradicional, seja em águas fluviais, em algumas lagunas dentro da RESEX e em águas marítimas. Utilizamos como indicador das mudanças às transformações ocorridas nas embarcações navais, por vezes construídas na própria comunidade.

Tendo em vista a pluralidade de elementos que foram incorporados com as novas tecnologias, procuramos interpretar os significados presentes nas práticas cotidianas de Canárias por meio da pesca e da construção naval, percebendo as continuidades e descontinuidades desses dois campos de atuação. Tecendo inferências sobre a maneira como

ao longo dos anos diferentes gerações atribuíram significados a práticas que remetem a ancestralidade, a memória coletiva e de identidade na comunidade de pescadores artesanais. Observamos e registramos os olhares desses indivíduos no que se refere a “adoção” de saberes vindos de fora, que reordenaram, em certa medida, elementos essenciais na definição e incorporação de práticas como a pesca artesanal e a construção naval.

Stuart Hall (2011) destaca que o processo de globalização influi em diferentes segmentos sociais, e é expresso: “[...] em novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distancias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (p.68). Nesse sentido, buscamos identificar as transformações, de alcance sociocultural, que ocorreram, principalmente, a partir do final do século XX e início do XXI, com a incorporação de novas tecnologias e novos referenciais identitários, que podem ser evidenciados, nas embarcações de pesca, nos modos de armazenamento do pescado e do próprio *modus operandi* da própria comunidade.

2.1. A Ilha das Canárias: as fronteiras e os dilemas sobre o passado e o presente

Historicamente os dados sobre a habitação da comunidade datam de 1806, quando segundo narrativas dos moradores da Ilha, o cearense Chico Bezerra, escapando das dificuldades da seca do Ceará, chegou à antiga Barra dos Mergulhões, posteriormente denominada de Canárias. O nome da comunidade, segundo os relatos, é uma homenagem aos antepassados de Chico Bezerra oriundos de uma ilha de mesmo nome, de domínio espanhol.

Enquanto região fronteira a comunidade de Canárias, encontra-se em uma situação peculiar. Distanciada de outros povoados, banhada pelo rio Parnaíba por um lado e pelo oceano Atlântico de outro, está, geograficamente, isolada de outros municípios, na interseção entre dois Estados. Os nativos da Ilha são formalmente identificados como maranhenses ao mesmo tempo em que compartilham fortes vínculos identitários com o Piauí.

Tal ambiguidade pode ser explicada em parte pelo fator econômico. Historicamente, o escoamento da produção pesqueira, da castanha do caju, da cera de carnaúba, da venda do murici amarelo e do murici pitanga (murici de coloração vermelha) ocorreu através da ligação com o município de Parnaíba – PI. Como principal entreposto comercial da região, Parnaíba se constituiu um ponto estratégico de comercialização de produtos e serviços.

O estreitamento das distâncias físicas, ocasionado pela adoção de transportes aquáticos motorizados entre a Ilha das Canárias e Parnaíba, extrapola o campo econômico. Até meados do século XX, quando o descolamento era realizado, predominantemente, por embarcações a remo e vela, as mulheres grávidas, que residiam na Ilha, frequentemente, davam à luz a seus filhos com parteiras locais. A navegação motorizada tornou mais ágil o deslocamento, permitindo que um número crescente de gestantes recorresse aos serviços de saúde pública em Parnaíba para realizar o parto. Acreditamos que o nascimento e registro das crianças em Parnaíba também possa ter contribuído para essa ligação identitária.

Muitos moradores das Canárias cotidianamente se deslocam até Parnaíba para realizar diversas compras, trabalhar, estudar, tratar da saúde etc. Isso ocorre pela facilidade e rapidez de transporte, quando comparada a Araióses, município do lado maranhense.

Para compreendermos o presente da comunidade é preciso fazer um mergulho no seu passado para que as transformações e modificações de tornem mais nítidas. Anteriormente, quando não havia como refrigerar o peixe, os moradores relatam que os pescadores o armazenam e o salgava para, em seguida, expor ao sol. Tempos depois, o peixe passou a ser armazenado em caixas de isopor, com gelo comprado no Porto dos Tatus em território piauiense. No ano de 2005, com a instalação da rede de energia elétrica na Ilha, foi possível manter o peixe refrigerado em freezers. Este evento é lembrado com minúcias pelos moradores locais, já que representa um divisor de águas entre as dificuldades de armazenar o peixe, anteriormente de maneira rudimentar e depois em congeladores elétricos.

Com a possibilidade de uso de novas tecnologias e suas facilidades, a comunidade passou a vivenciar uma série de modificações nas formas de lidar com o escoamento do peixe, que nos dias atuais atinge maior tempo de conservação. Essa transição representa um marco temporal muito importante na história da Ilha das Canárias do ponto de vista dos moradores locais.

Antes da instalação da rede elétrica na Ilha, a maioria das casas não possuía aparelhos eletrônicos ou eletrodomésticos como geladeira ou televisão. Contudo, havia exceções, pois, alguns moradores possuíam geradores movidos a combustível e transmitiam a energia elétrica de forma improvisada para outras casas entre às 18h00min horas às 22h00min horas. O abastecimento de energia nesse curto período era destinado a assistir as telenovelas e principais jornais.

O início do fornecimento de energia elétrica também repercutiu nas técnicas utilizadas na construção naval. Antes de 2005, as ferramentas utilizadas na confecção das canoas eram estritamente manuais, o que fazia com que uma canoa consumisse até um mês de trabalho para ser construída. A adoção de ferramentas elétricas diminuiu o tempo além de provocar alterações em algumas técnicas, mas trataremos detalhadamente disso no quarto capítulo.

2.2. Itinerários de uma pesquisadora & nativa

Partindo do Porto dos Tatus no município de Ilha Grande de Santa Isabel no Piauí, após cerca de 13min a 20min, dependendo das condições de navegabilidade do rio, cruzando o rio Parnaíba em uma embarcação motorizada, entre os limites impostos pelas águas, começamos a visualizar as margens de uma ilha, com caminhos de barro e areia, com vegetação de coqueirais e cajueiros. Na margem da Ilha das Canárias, vemos de forma nítida as pousadas, os bares e algumas casas. A travessia do rio se encerra quando desembarcamos no trapiche, principal ponto de embarque e desembarque de cargas e dos moradores da comunidade.

O traslado do continente até a Ilha e sua descrição idílica poderia exemplificar a visão inicial que muitos pesquisadores teriam ao narrar suas impressões sobre a Ilha das Canárias. Entretanto, como pesquisadora & nativa fizemos uma viagem inversa. O primeiro passo foi sair da Ilha, rumo a universidade, para dar prosseguimento aos nossos estudos, já que na Ilha a oferta de ensino finda, na terceira série do ensino médio. Fomos aprovados no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí, no *Campus* de Parnaíba, no turno da noite; tínhamos que atravessar o rio Parnaíba rotineiramente de Canárias, passando pelo Porto dos Tatus, no município de Ilha Grande de Santa Isabel para finalmente chegarmos ao continente. Fizemos esse trajeto durante os dias úteis da semana, na ida a jornada começava ainda com a luz do sol e no retorno para casa, navegávamos o rio no final da noite.

Por ter uma casa próxima às margens do rio, depois de desembarcar no “trapiche”, precisamos caminhar apenas cerca de uns dez minutos até a nossa residência na zona central da comunidade Canárias.

No trapiche, nem sempre as embarcações estão disponíveis para travessia imediata para o Porto dos Tatus, é preciso esperar até que as “voadeiras” completem o número mínimo de quatorze passageiros e um piloto para tornar a viagem viável economicamente. O preço da passagem de segunda a sábado era de cinco reais, até o fim do ano de 2017, a partir de 2018

houve um reajuste no preço da passagem para sete reais; no domingo e feriados, é cobrado dez reais. Os horários de “pico” são, principalmente, das 06h00min às 08h00min da manhã, das 10h00min às 13h00min e de 17h00min às 19h00min-20h30min, para o transporte de moradores.

É preciso aguardar até que as embarcações atinjam o número de passageiros estipulado pelos pilotos das lanchas, por isso é comum que muitos dos moradores esperem nos bares que existem nas margens da Ilha. As conversas variam desde o último capítulo da novela até a fila que terão que enfrentar no banco ou no supermercado entre outros tantos assuntos. A partir do Porto dos Tatus, o restante do trajeto é feito por ônibus, moto-taxi e carros fretados até Parnaíba. Entretanto, existe um fluxo até aproximadamente 22h30min-23h00min, de segunda a quinta, quando os professores e alunos que cursam o ensino médio ou universitário no período noturno regressam para a Ilha.

As mulheres estão acompanhadas, geralmente, pelos filhos, amigas ou comadres. No trapiche, esperam as “voadeiras” para fazerem o trajeto até o Porto dos Tatus ou aproveitarem a oportunidade para enviar algum recado por algum conhecido que vai embarcar.

As “fofocas” são um traço comum dessas pequenas comunidades. Contudo, não se limitam as conversas das mulheres. Saber da vida dos outros mantém a ideia de que todos fazem parte do mesmo lugar. Esses espaços de concentração de indivíduos, distribuídos ao longo das margens do rio também são pontos de referência entre os moradores da região, por exemplo, “vou estar ali, perto do bar de fulano”.

Ao longo dos últimos quatro anos, realizamos quase que diariamente esse trajeto. Após constantes idas e vindas, da Ilha até a Universidade, nosso olhar foi sendo treinado para perceber situações, lugares, pessoas etc., que antes nos passavam despercebidos. O estranhamento daquela rotina cotidiana nos fez questionar sobre o funcionamento das estruturas sociais presente nas redes de relacionamentos interpessoais, as interações sociais, as alianças familiares, os juízos de valor, o comportamento no dia a dia e até as fofocas passaram a ser um possível objeto de análise sociológica.

Um contato com literatura, cujo tema era a pesca e embarcações, nos permitiu identificar os contornos que o campo pesqueiro desenha na rotina da vida cotidiana de Canárias. Posteriormente, com o recurso da observação e conversas informais, despertamos nosso olhar, até então “naturalizado”, para essa importante esfera da vida social, que perpassa outras camadas como: economia, redes de relacionamentos, política e cultura.

Mesmo após a comunidade completar 211 anos, a pesca artesanal ainda ocupa um lugar central na sobrevivência da comunidade; enquanto comunidade tradicional pesqueira, a convivência com modos de vida tradicional e as nuances incorporadas pelo advento da contemporaneidade fornecem questões estruturais para uma compreensão sobre as dinâmicas locais.

Adentrar os espaços de convivência de nossos conterrâneos, enquanto recurso metodológico, os designamos como “atores sociais”, categoria utilizada por Ervin Goffman (1975). Por vezes, de acordo com esse autor, os atores sociais exercem diferentes papéis, o que pode variar segundo o contexto no qual esse “ator” estiver inserido.

Ao longo do texto, trabalhamos com categorias nativas, já que a proposta da sócio-antropologia é interpretar a partir das representações que os moradores de Canárias têm sobre o campo da pesca e suas transformações. Categorias que são representações verbalizadas da própria cultura como uma construção do cotidiano local. As utilizamos entre aspas, para designá-las como categorias que não são construções nossas ou que as inventamos, mas como expressões que surgiram na vivência do campo e dos atores com os quais interagimos no decorrer da pesquisa.

Ao caminharmos por Canárias, um dos espaços possíveis de definição são os “becos da Ilha”, veredas, caminhos estreitos, que foram construídos pelo hábito de andar entre as casas que ficam na margem da Ilha para termos acesso ao interior da comunidade. Ao percorrê-los, deparamo-nos com casas, em sua maioria de alvenaria, em substituição às antigas habitações construídas hegemonicamente de “taipa¹”. Há cerca de trinta anos existiam enormes espaços entre as residências, mas, com o aumento do número de imóveis, hoje ficaram bem próximas umas das outras. Também é possível localizar pequenos comércios, dispersos pela comunidade, que vendem mercadorias adquiridas em Parnaíba.

O principal ponto de referência no interior da comunidade é a igreja católica. Logo à frente da Igreja, existe uma praça, frequentemente utilizada por moradores de diferentes idades. Além de um importante centro para o qual convergem e pulverizam as “fofocas da região”. Os horários de maior movimento são tardes e noites nos fins de semana, ocasiões em que os moradores se reúnem para “jogar conversa fora”. Dispostos em duplas ou em pequenos grupos

¹ Construções de “taipa” designa um tipo de casa construída com barro e madeira, cobertas por palha de carnaúba, construções que predominavam na comunidade, anteriores às casas de alvenaria, de custo mais elevado.

se debruçam sobre assuntos do cotidiano do pescador, da dona de casa, dos jovens. Questões como o preço de itens domésticos ou o cenário político nacional são recorrentes.

Também são comuns comentários sobre questões mais específicas como as notícias sobre as colônias de pesca e as críticas ou elogios às lideranças dessas instituições. Compartilham informações sobre os pontos de pesca que estão “dando peixe”, locais nos quais se concentram em determinados períodos certos tipos de peixe. Recentemente, foi inaugurada a rede de internet sem fio na praça, designada “Canárias Digital”; durante a noite é comum moradores de diferentes idades utilizarem o lugar para conversarem e visitarem suas redes sociais. O que ocorre no universo digital, especialmente nas redes sociais, também é assunto das conversas.

Em Canárias, possuem duas instituições de ensino públicas, ambas com gestão da Prefeitura de Araiões – MA. Nas imediações da Igreja Católica, próximo à praça, funciona uma escola de ensino básico na modalidade infantil; a outra instituição atende pela manhã os estudantes do 1º ao 4º ano; no turno da tarde, atende do 5º ao 9º ano e no turno noturno, desde 2012, funciona um anexo do ensino médio da 1ª a 3ª série, já que não existe um prédio específico para essa modalidade de ensino na comunidade.

Na praça, os homens, geralmente reunidos em grupos, fazem remendos em suas redes de pesca, e nos bares próximos consomem bebidas alcólicas e costumam conversar sobre assuntos diversos como: política, o movimento nas associações, as pescarias, o que aconteceu nas festividades locais etc. Nesses espaços de interação, os jovens são incorporados desde crianças nessas rodas de conversa. A convivência nesses espaços se inicia pela manhã, desenvolvem-se pela tarde e finalizam a noite nas frentes das residências, hoje hábito cada vez menos evidente, mas que ainda faz parte de uma das formas de sociabilidade da Ilha.

As mulheres da comunidade de Canárias ocupam predominantemente os espaços domésticos, cuidando dos filhos e dos afazeres de casa. A atual conjuntura social de Canárias ainda impossibilita a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal, a não ser no ambiente escolar como professoras. Frequentemente trabalham como revendedoras de produtos de beleza e roupas, na alta temporada, algumas mulheres são contratadas para trabalharem nas pousadas e ainda existem aquelas que colhem a castanha de caju.

2.3. Tempo, espaço e *status*: a modernidade objetificada em símbolos de poder

A cultura dos moradores de uma ilha, ao contrário do que se costuma pensar, não é estática. As barreiras naturais impostas pelas águas, que a cercam não impede o constante fluxo e refluxos de trocas culturais entre os moradores da Ilha Canárias, outras ilhas e o continente.

Nesse sentido, nas últimas décadas foi possível acompanhar um aumento significativo deste constante movimento que inclui, exclui e hibridiza elementos exógenos que são corporificados em forma de síntese cultural. Esse fenômeno pode ser identificado sob vários aspectos, mas neste trabalho tomarmos os instrumentos de pesca como indicadores dessas mudanças.

As “canoas”, inicialmente, eram movidas exclusivamente à vela, na fala nativa conhecida como “quadrado” (ver fig. 1), e à remos. Além da pesca, essa embarcação era usada como meio de transporte de pessoas e cargas. Posteriormente, foram aos poucos substituídas por “chalanas” (ver fig. 2), embarcações maiores e com teto coberto. Posteriormente, surgiu o “motor de centro” (ver fig. 3), embarcação motorizadas caracterizada por apresentar uma parte descoberta e uma casaria coberta na popa². As próprias canoas ao longo do século XX incorporaram um motor de popa. Recentemente as “voadeiras” (ver fig. 4), embarcações com um ou dois motores de popa caracterizadas pela sua rapidez, anteriormente utilizadas exclusivamente para fins turísticos, passaram a ser inseridas na comunidade como meio de transporte preferencial dos moradores até o Porto dos Tatus.

² A popa é a parte traseira de uma embarcação, geralmente local no qual é colocado o leme ou motor a propulsão. Local no qual se governa a embarcação.



Figura 1. Pescadores chegando do mar em Canárias com canoa movida à vela - o “quadrado”.



Figura 2. “Motor de centro” em Canárias-MA.



Figura 3. “Chalana” em Canárias-MA.



Figura 4. “Voadeira” ou lancha rápida. Foto: Tyna

Em terra, o transporte de cargas é com tração animal - a carroça, substituída de forma repentina por quadriciclos (transportes terrestres que nos últimos dois anos foram amplamente inseridos e aceitos em todas as cinco comunidades da Ilha, utilizado para o transporte de cargas e para locomoção de moradores e turistas). Existe também um único veículo de grande porte, uma caminhoneta Toyota, que foi adaptada com bancos e cobertura na traseira para acomodar

um maior número de passageiros. O uso de motos é ínfimo, de acordo com os moradores, há uma moto de propriedade de um morador da Comunidade do Passarinho.

A incorporação desses equipamentos de “fora” ditam um traço de “modernidade”, à vila de pescadores. Tais modificações reordenam o dia a dia das relações sociais produzindo diferenciações. Pois, utilizar um ou outro meio de transporte, ser proprietário de um ou outro veículo é um importante indicador de *status* entre os moradores das Canárias.

Existem de um lado os que se apropriaram e, portanto, detém símbolos de poder e prestígio como, os meios de transporte anteriormente citados, bem como os donos dos comércios locais, que nesse caso, estão aliados à ideia de possuírem bens materiais que acabam produzindo nítidas distinções entre os moradores da Ilha que possuem esses bens e os que não possuem.

Essas modificações no cotidiano, produzidas por essas distinções e hierarquias entre esses atores, afetam as formas de sociabilidade, bem como a própria rede de interações sociais. Produz conflitos nos núcleos de disputas que extrapolam a questão do mercado de transporte local.

A instituição familiar em Canárias representa um localizador moral e ético de um conjunto de ideologias, valores, crenças. Frequentemente, o universo do trabalho e o universo familiar são indissociáveis. Dessa forma, é possível identificar famílias que pescam, famílias que se dedicam a criação de animais ou ainda outras que têm pequenos comércios. Embora essa convergência não seja um mecanismo determinista, as famílias representam um conjunto de símbolos que são compartilhados por todos esses indivíduos dentro da estrutura social local.

A instituição familiar agrupa a configuração dos espaços de moradia, segundo os sobrenomes, por exemplo, é comum na comunidade que determinada região da Ilha esteja ligada a determinada família, o que remete à ideia de ancestralidade. Nesse sentido, alguns moradores dizem “aquela, região é da Família Oliveira”, isso porque os pais moravam ali, e os filhos foram casando e construindo suas casas nas proximidades, transformando a localidade em uma extensão dos núcleos familiares.

A partir do sobrenome da família, é possível e comum escutar os moradores locais identificando a propriedade de bens e animais que são criados livres: “aquele animal é da Família Santos”. O sobrenome da família serve como um modelo de navegação social, que os moradores acionam para localizar os indivíduos ou suas posses, bem como para estabelecer sistemas de distinção na estrutura da comunidade local.

Nas comunidades tradicionais, essa memória, que remete ao passado, a ancestralidade reforça os mecanismos de distinção de uns para com os outros, mas também reforça nesses indivíduos o sentimento de pertença a determinados espaços sociais. Contudo, tal configuração não é estática, se altera por fatores endógenos da própria dinâmica cultural e por fatores exógenos. É justamente este último aspecto que particularmente nos interessa nessa investigação. Dessa forma, percebemos que elementos exógenos, que ao longo dos últimos doze anos, foram sendo inseridos no contexto local, especialmente nas pesca e construção naval, reconfiguraram o *habitus* dos moradores da Ilha das Canárias (BOURDIEU, 1996).

Apropriando-nos no conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, propomo-nos a compreender o significado que esse acelerado processo de adesão às novas ferramentas e tecnologias usadas na pesca e construção naval implicaram no *habitus* local. Conforme os argumentos de Bourdieu:

[...]. Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de pratica-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes (1996, p. 22).

O arcabouço teórico de Pierre Bourdieu nos oferece importantes ferramentas analíticas sobre os processos de discontinuidades e uma série de “sentidos”, nuances e códigos presentes em cada grupo social. Percebemos, por exemplo, que o homem jovem pescador se percebe e é percebido diferente de um pescador aposentado. Assim como as mulheres que pescam marisco ou em águas próximas são distinguidas dos homens que pescam. No próprio universo masculino há distinção e diferença no *habitus* entre os pescadores “de rio” (os que pescam em água doce) e os pescadores “do mar”, os que pescam em águas próximas, com canoa menores, que se distinguem socialmente dos pescadores “de alto mar” ou “mar a fora”.

Esses recortes nos possibilitam perceber que cada um dos integrantes do campo pesqueiro (conceito mais amplo) cria um conjunto de *habitus* que os diferenciam e os hierarquizam dentro do sistema social com práticas distintivas, como assinala Bourdieu (1996). O que propicia a cada integrante de determinado contexto se reconhecer e também ser reconhecido, enquanto parte de um segmento do grupo. Dessa forma, uma comunidade tradicional situada em uma pequena ilha, aparentemente homogênea, agora se revela em um campo social dinâmico eivado de características de distinção.

Essas diferenciações são reflexos de um processo de modificação das configurações sociais até então vigentes, ligadas ao aspecto do tradicional; mas também é preciso notar que as trocas entre elementos exógenos e endógenos ocorrem mutuamente. Nesse processo, não há apenas um que “doa” e outro que apenas “recebe” de maneira passiva, ambos os grupos sofrem modificações nessas trocas. Isto implica diretamente em novas práticas de sociabilidade, ou seja, ajustes na maneira como até então esses sujeitos constituíram laços sociais e redes de relacionamentos na região do Delta do Parnaíba.

Percebemos que Canárias foi se constituindo ao longo dos anos um lugar de fronteiras marcado por aspectos de hibridez, nos quais as dualidades são acentuadas através de algumas categorias presentes em seu cotidiano e expressas em algumas de suas práticas. Desde a relação entre pertencer ao Estado do Maranhão a conviver nas proximidades com o Piauí, relação essa manifestada principalmente pelo comércio. Um segundo ponto é compartilhar os saberes e domínio das águas (doce e salgada) do rio Parnaíba e do Oceano Atlântico.

Para Canclini é preciso interpretar a “hibridação” como: “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2015, p. XIX). Essa “síntese social” ou esses novos referenciais identitários nos servem para perceber relações que se estabeleceram entre a comunidade de Canárias e os municípios de Araisos - MA, Ilha Grande de Santa Isabel - PI e com Parnaíba-PI. Ao longo dos anos, diferentes gerações foram socializadas nesse fluxo, tanto de pessoas como de mercadorias.

Constatamos também que as redes de escoamentos de produtos estão aliadas à interação com elementos extra comunidade. Frente às necessidades de estabelecer mercados de escoamento da produção local da cera de carnaúba, do peixe, dos crustáceos, dentre outros produtos, no passado. Foi por meio de novas possibilidades de embarcações para a navegação que esse meio de transporte foi sendo consolidado como parte da história e memória da comunidade.

Embarcações como as *voadeiras*, as canoas, as chalanas possibilitam o transporte por água, por terra, os quadricíclon, permitiram novas formas de locomoção, que alteraram o cotidiano e o modo de vida, as distâncias parecem diminuir, o tempo parece estar sob o controle de outros elementos, os transportes que para alguns só fazem barulho, para outros diminuem distâncias e para os pilotos se tornou o principal meio de sobrevivência.

Esse quadro nos mostra que as comunidades locais não são as únicas a serem modificadas de maneira passiva. É preciso que dentre os anseios e necessidades locais advindos de mecanismos estruturais possibilitem a modificação de suas estruturas móveis, por exemplo, a substituição das canoas pelos motores de centro, que foram substituídos pelas chalanas que foram mais recentemente substituídas pelas voadeiras. A estrutura de embarcação se manteve, entretanto, os referenciais de identificação com um transporte feito por construtores da região e de maneira artesanal foi sobreposto por uma embarcação que atende a uma produção industrial em larga escala, com materiais que não são da própria comunidade, mas a referência com a navegação se manteve. A estrutura se manteve, mas os referenciais são outros.

Dessa maneira, percebemos que a cultura compreende a interação de sujeitos mediante os signos e símbolos que forem capazes de manipular. Assim, existe um movimento que coloca em interação esse sujeito e o legado cultural do qual pertence. Podemos partir de Canclini (2015), que destaca a necessidade de nos atentarmos para além do caráter impositivo da globalização. Para esse autor, existe um contexto social e temporal no qual essas mudanças ocorrem. Fator esse que não depende apenas do movimento imperativo desse fenômeno, os grupos culturais fazem suas escolhas.

E nesse sentido, a estrutura de uma embarcação, que reúne certos indivíduos, com o objetivo em comum de se locomoverem à cidade, permaneceu. Mas, ao mesmo tempo, a estrutura de uma canoa com outras características destinada anteriormente apenas ao turismo, passou a fazer parte do cotidiano da comunidade. Nesse quesito, um grupo não apenas absorve um acervo de práticas, existe o ponto de escolha de identificação, com o grupo.

3. OS PARADOXOS DA “MODERNIDADE” E OS CONTORNOS DO “TRADICIONAL” NO DELTA DO PARNAÍBA.

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos [...]. (CANCLINE, 2015, p. 160).

As comunidades de pescadores artesanais, como os da Ilha das Canárias, representam, no senso comum, apenas um reflexo contraditório entre o que é considerado “tradicional”, em oposição ao que é apresentado como “moderno”. Percebemos que existe uma relação entre esse passado tradicional expresso em complexas relações de trabalho, que perpassam o lidar com a natureza, as técnicas manuais e os saberes tradicionais, que a profissão pesqueira demanda, bem como as novas tecnologias que se mesclam no cotidiano local. Ao pensar a questão do tradicional e no jogo ideológico presente na reprodução das lembranças representativas desse passado, Canclini (2015) argumenta que:

O interesse contemporâneo do patrimônio tradicional residiria em benefícios “espirituais” difíceis de ponderar, mas de cuja permanência dependeria a saúde presente dos povos. Frente às “catástrofes” da modernização, das novas tecnologias e das cidades anônimas, o campo e suas tradições representarão a última esperança de “redenção” [...] (2015, p.193).

Podemos perceber, a partir do trecho citado acima, o embate entre esse passado e o presente. Ao transpor as categorias “tradicional” e “moderno” para o contexto de Canárias percebemos que o “tempo do passado”, enquanto categoria nativa é narrado nas falas dos moradores como: “um tempo difícil”, com ênfase especial para os aspectos materiais da vida na Ilha.

Na reconstrução deste passado notamos nas narrativas dos moradores locais que mesmo havendo abundância de alternativas de sobrevivência tais como a pesca, agricultura de e o extrativismo vegetal, o passado era marcado pela ausência de políticas públicas específicas para os “povos pesqueiros”. Tal fato impossibilitava a ampliação do setor econômico na comunidade.

3.1. *“Tudo era mais difícil, mas era bom”*: revisitando as representações sobre o passado “tradicional” de Canárias

Não muito diferente de outras comunidades, a Ilha das Canárias também está inserida no contexto “globalizador”, mediado relações de produção e consumo fomentados pela expansão do sistema capitalista no século XXI. Concomitante a tal fato, ainda é possível respirar o ar pueril de um típico povoado de pescadores, seja ao observar os homens na beira do rio, lidando com as redes de pesca, as crianças que brincam nas canoas, enquanto banham nas águas do Rio Parnaíba; as canoas embaladas pelos “banzeiros”, as ondas, que de maneira contínua avançam e recuam às margens da Ilha. Os barracos de pesca designados na comunidade como “pesqueiras”³ e a vida pacata complementam o “tipo ideal” de uma comunidade ilhada. Entretanto, esse é apenas um aspecto do cotidiano da comunidade. Os conflitos internos na esfera religiosa, nas hierarquias familiares, na localização espacial da comunidade e conflitos geracionais revelam outras facetas da tessitura social de Canárias.

Quando Zygmunt Bauman (1999) define o conceito de “globalização”, acrescenta que ele está constantemente aliado a ideia de “modernidade”, de “progresso” e, principalmente, de oposição ao que é dito como “tradicional”, essa fachada encobre o ar ideológico por detrás dos interesses de alguns setores da sociedade. De acordo com o autor, a noção de “globalização” ainda reúne nebulosidade em torno de suas características constituintes. Todavia, enquanto fenômeno social pode oferecer prismas analíticos e interpretativos sobre questões bem pertinentes na atualidade, como por exemplo, a compreensão do tempo e espaço e a hibridação de processos identitários. Para Bauman a “globalização”:

[...] está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo globalizados — e isso significa basicamente o mesmo para todos (1999, p. 07).

Conforme o trecho acima, as possibilidades de interações sociais no panorama das comunicações tende a evidenciar o aspecto de interconectividade e interdependência. Surge, então, através do signo “globalização”, no contorno das relações sociais, processos de representação que evidenciam o ponto de vista “futurista” e idealizador acerca do próprio

³ As pesqueiras são barracos de pesca construídos seja de alvenaria ou de taipa. Geralmente situados próximo à beira do rio. Nelas, os pescadores depositam seus instrumentos de pesca, geralmente em grupos familiares ou em parcerias, na camaradagem comum em setores como a pesca.

cotidiano. Como consequência é comum que esse “homem ordinário”, anônimo e difuso na representação das relações sociais por eles significadas e reproduzidas no cenário da vida cotidiana acabe por incorporar à noção de “felicidade” e “facilidade”, ao que pode ser considerado “moderno”. Ao inverter a lente interpretativa, podemos observar um segundo aspecto também incorporado ao signo “modernidade”. Ela possibilita tanto a união como o distanciamento, ainda segundo Bauman ela “divide enquanto une” os sujeitos (1999; p.08).

Apesar das características que marcam a contemporaneidade, também notamos que aspectos “tradicionais” convivem simultaneamente nesse novo cenário. Nas conversas com interlocutoras, percebemos, por exemplo, aspectos fundamentais sobre o passado da comunidade. Notamos em suas falas a nostalgia com que rememoram o “tempo de meninas”. Alguns pontos centrais da conjuntura dessa comunidade surgiram ao adentrarmos as relações sociais do mundo do trabalho e das hierarquias presentes na estrutura familiar. Nesse sentido, observamos que as linhagens ainda são majoritariamente patrilineares. As estruturas de identificação local estão centradas na figura masculina, do homem enquanto provedor da casa.

Além disso, constatamos que existem algumas esferas que estão em constante interação como, por exemplo, o caso das “Terras de Santos”, em que a propriedade da terra, o trabalho, a religião e as relações de parentesco estão imbricadas na formação dos pilares da memória dessa comunidade.

Amanda: como que eram os festejos?

Dona Rosa: os festejos eram animados! Muito animado, muito bom. Hoje, a maioria do povo são evangélico. Mas era muito bom o festejo de São João Batista. Sempre houve dois festejos nas Canárias. Desde quando eu me entendo, já havia esses dois festejos. Um em junho e o outro em dezembro. O de junho é de São João Batista e de dezembro Nossa Senhora das Dores.

Amanda: mas o padroeiro de lá é o João Batista...

Dona Rosa: Sim, São João Batista é o padroeiro da Igreja. Mais o dono das Canárias é São José.

Amanda: São José.

Dona Rosa: É. São José é o dono das Canárias. As pessoas mais antigas como meu pai, minha tia, meus avós falavam que o Zé Dodô, a família dos Dodô. Ele e o Zé Luiz tinham esses terrenos. E desses terrenos eles fizeram lá umas medições lá por conta deles que essa corrupção não é de agora, é já, sempre existiu. Eles mesmo tiraram os pedaços das terras para eles e sobrou esses pedaços de Terra que é as Canárias. Essa parte é as Canárias daí eles, doaram pra São José. Então as Canárias o dono é São José. Porque que lá a gente faz casa e não paga, nem compra terra. Porque é de São José. Agora, eles já estão vendendo, casa, porque a casa, realmente a gente já vende, é trabalho da gente, mais o terreno não. O terreno é de São José. Aí lá embaixo tem a extrema do Zé Dodô, a outra que era do Zé Luiz e tem outra que é da Maria Lima, que é dos Lima que era do Antônio José Reis.

Amanda: esse extremo é o que, as divisórias?

Dona Rosa: É. As divisórias e aqui em cima num tem o cercado do o... Gerônimo. Também ele se apossou daquelas terras. Era terra tudo apossada! Aí como eles

mediram lá, e deixaram esses pedaços que realmente é as Canárias que é de São José. Lá se a gente, morador, faz casa e tudo. Mais se andarem lá atrás de comprar terreno o pessoal não aceita e nem irão aceitar. Porque lá não tem dono. O dono é ele. Se São José vender todo mundo compra. Se não, não já que ele não vai dizer mesmo. (Relato de Dona Rosa, aposentada, 64 anos).

As “Terras de Santo”⁴ é uma categoria que expressa a força dos laços religiosos em Canárias, pois, para além dos interesses individuais, existe uma consciência coletiva sobre o território local. Nesse sentido, as necessidades e aspirações individuais são mediadas pelas construções coletivas relativas ao espaço social. Percebemos que o imperativo do campo religioso apenas torna legítima a construção simbólica dos espaços. Transferindo a São José, uma representação diferenciando assim as hierarquias do “setor humano”, transferindo ao santo o elemento distintivo dos próprios moradores, mantendo, assim, a coesão e coerção do grupo, legitimado pela esfera religiosa.

As mudanças no bioma local também exercem fortes influências sobre as formas de sociabilidade na comunidade de Canárias. O aspecto espacial da comunidade continua sendo constantemente modificado, já que o rio está avançando cada vez mais em direção à comunidade. Nas falas das três interlocutoras essa preocupação com a relação homem/natureza foi expressa, a ponto de constatarmos que toda a comunidade residia no lugar que atualmente corresponde ao “meio do rio”, literalmente. De acordo com dona Guilhermina, no seu tempo a comunidade:

Era lá mais no meio do rio, que nesse tempo, tudo era mais custoso. Não tinha casa que fosse muito perto uma das outras. Tudo era mais longe. Tudo era custoso. Avê Maria! antigamente... ah gente! Não era como hoje, não. Hoje em dia, meu Deus! é mais fácil né. O que que a gente há de fazer? (Dona Guilhermina-aposentada, 100 anos)

Na fala dessa moradora centenária podemos constatar que a dinâmica do bioma natural influi diretamente nas categorias de identificação com os espaços e com as concepções de “perto” e “longe”. A cultura e a identidade de um povo não são estáticas, se modificam de acordo com o tempo e o espaço. Conforme Geertz (2008), signos são reproduzidos, ressignificados e podem até fazer surgir novas categorias que anteriormente não existiam. Na fala de dona Preta (aposentada, 70 anos) ficou evidente essa diferenciação entre os aspectos

⁴ Terras de Santo se refere a um modo de ocupação territorial comum no século XIX, onde um grande proprietário de terras doava propriedade para um santo específico como forma de atrair padres para comunidade. O código civil de 2002 não permite mais a doação de terras para santos.

temporais, naturais e culturais da comunidade, ao narrar os contrastes do cotidiano contemporâneo em uma análise comparativa ao seu “tempo de menina”. Ela relatou:

Dona Preta: Ah... minha filha naquele tempo era muito bom. Eu disse outro dia que na minha época de criança, de menina, disse isso outro dia para uma pessoa lá na Parnaíba. Que naquele tempo, eu comparava aqui como o ‘jardim do Éden’, sabe, de Adão e Eva. Porque se juntava nós tudo, menina de dez anos, onze anos e um bando de menino tudo pelado. Aí aquilo tudo acabou, quebrou, tudo. As Canárias não tá mais nem a metade do que era. As Canárias se acabou. A quebração do barro, o vento forte. Naquele tempo tinha uma enchente, uma enchente que que chegava num ponto que a gente chamava de a ‘Vovó’. Olhe lá para uma pessoa subir ali a ‘Vovó’. Era uma enchente com um barulho tão grande que até interrompia agente a dormir. ohhhPummmm (imitando o barulho) era aquela coisa. Tempos depois foi que teve esse negócio, essa, como é o nome...

Amanda: a barragem?

Dona Preta: a barragem parece que, da ‘Boa Esperança’, acolá. Começou essa barragem, aí pronto acabou tudo. Acabou a fartura do camarão, que quando era no inverno era tanto camarão que agente pegava era na beira do rio aqui. Essa fartura acabou minha filha. Com essa barragem que fizeram, acabou tudo, acabou a manjuba, a fartura de manjuba, a fartura, acabou quem é que hoje ainda vê o caboja, o fidalgo [...]?

Amanda: esse monte de peixe?

Dona Preta: isso. Eles faziam essa fartura. Fizeram essa barragem pronto e acabou. Terminou de matar o rio. Porque a fartura de peixe você não vê mais, de jeito maneira. E tudo era fartura (Relato de Dona Preta-aposentada, 70 anos).

Nesse trecho, notamos a fala de dona Preta os impactos percebíveis no cotidiano de Canárias com a instalação da Barragem de Boa Esperança. Projeto realizado por volta dos anos 1960, idealizado com o intuito de “modernizar” as cidades no entorno dos Estados do Piauí e do Maranhão. A construção de uma infraestrutura era apontada como indispensável para a ampliação do abastecimento de energia elétrica. Para tanto seria preciso modificar o curso do rio. Lima (2007) apresenta algumas das divergências entre população e políticos da região. Se por um lado estes últimos seriam beneficiados diretamente com a expansão da rede de energia elétrica, por outro lado, as comunidades ribeirinhas seriam diretamente afetadas com a nova dinâmica do rio, com a alteração do regime das águas, houve também impactos na navegabilidade do rio e nas espécies de peixes (LIMA, 2007).

A partir da fala de dona Preta, fica evidente que o tempo do passado, nesse “tempo de menina”, a relação da comunidade com a natureza era expressa de maneira mais intensa, vivia-se a dinâmica da natureza de maneira mais intensa. Ao se intervir na dinâmica do rio, se modificou diretamente o cotidiano da comunidade. Algumas espécies de peixes não são mais vistas, segundo os moradores. No passado, havia uma outra ligação com a temporalidade, talvez por isso ele seja lembrado como um tempo “bom”, um tempo de “fartura”, mesmo diante das extremas dificuldades que essa comunidade enfrentava. As relações familiares, nos relatos

dessas mulheres, pareciam mais centralizadas, toda a família, pais, filhos eram envolvidos no cuidar da roça e do peixe.

Talvez por isso, a contemporaneidade seja expressa no discurso dessas mulheres como um momento, um tempo de contradições, de ambivalências. Sendo que na “modernidade” insurge o lidar com as tecnologias, os motores, as “facilidades”, novas temporalidades, “rapidez”. Elementos esses que modificaram a relação com a temporalidade, pois no passado era a natureza que ditava as regras, atualmente, essa lógica foi invertida. Com a criação da barragem, o rio, que era bem mais estreito e profundo se tornou caudaloso e mais raso, segundo os moradores da comunidade. O avanço do rio é expresso como uma das maiores preocupações dos moradores de Canárias, que veem a cada ano o rio mais próximo de suas casas. As transformações na configuração geográfica e espacial na comunidade variaram tanto ao longo desde o tempo que as minhas interlocutoras se referem ao tempo em que o rio era mais estreito, comparando aquele período ao seu “tempo de menina”. Segundo dona Preta:

Ninguém não sabe, nem mais dizer como era aqui (na ilha). Acabou-se tudo, tudo, tudo. Então as Canárias, vai andando para traz (risos).

Amanda: como o caranguejo (risos).

Dona Preta: É, em vez de ir para frente vai para traz (risos). Pois é. Acabou tudo, tudo, tudo. Essas as eram as maravilhas da vida daqui das Canárias da ilha. Tudo isso se acabou. Depois que chegou a energia elétrica melhorou muito porque nós temos a claridade da energia e nós assistimos a televisão. Que aqui nas Canárias na minha casa e muitas pessoas a televisão era na bateria. Para a gente assistir ela nós tínhamos que levar ela pra Parnaíba para poder encher a bateria e aí trazia. Era uma burocracia só. Ai depois da energia graças a Deus tudo melhorou a gente assiste a televisãozinha da gente, aqui tem a antena, a geladeira para gelar a água. E essas coisas, assim melhorou, porque aqui naquele tempo era na lamparina (Relato de dona Preta-aposentada, 70 anos).

Na fala de Dona Preta percebemos como o passado por um lado é descrito com nostalgia, principalmente quando descreve os laços de parentesco, com a natureza e a aparente “tranquilidade” da vida. Contudo, o mesmo passado também é rememorado pelas “dificuldades”, como ter que pisar o sal no pilão para poder salgar o peixe. A “modernidade” da Ilha também perpassa um limiar, entre a tecnologia que por um lado ajuda na lida do dia a dia, por outro lado, também notamos que esse ar de modernidade da comunidade é descrito com aspectos negativos, para alguns. Os aparelhos de som em alto volume ou o barulho dos quadricíclos à noite e, até mesmo, o aumento do fluxo de pessoas, a insegurança e furtos.

Nesse sentido, as vivências e memórias do passado, expressas na categoria de “tempos de menina” remetem ao que Diegues (1983) descreve como o elemento de ligação com o que foi sendo consolidado como “tradicional”. De acordo com o autor, existem duas questões que

são costuradas ao aspecto das tradições das comunidades que compartilham a terra e o mar. Pois esse tempo rememora o lidar com a lavoura e com o cultivo da terra, mas, também permite a possibilidade de usufruir dos recursos das águas do rio e do mar isso, entretanto, trataremos no terceiro capítulo.

Diante disso, notamos que nesse tempo, o passado em específico dessa geração de mulheres, expressa a continuidade da pequena produção mercantil por longos anos aliada a própria prática da pesca artesanal, que constitui um domínio de um “saber-fazer” único e singular de cada comunidade expresso no “conhecer” as técnicas e os locais de pesca, que atravessam questões centrais para uma compreensão de Comunidades Tradicionais Pesqueiras, já que por possuírem uma longa tradição de lidar com a terra e seus recursos, desfrutam também das possibilidades do mar e das águas, estando, dessa forma, imbuídas de um esquema complexo de regras de lidar com o mar, o rio, a terra e seus saberes.

3.2. Pelo Parnaíba: antigas e novas práticas de comércio entre Canárias- MA e a cidade de Parnaíba-PI

A proximidade entre a comunidade das Canárias-MA e a cidade de Parnaíba-PI demonstra que existe uma relação de influências. Historicamente, esta relação foi construída, principalmente, pela necessidade de escoamento da produção do pescado e de outros produtos como a cera de carnaúba, a casca do mangue vermelho, toras de madeira para fabricação de caixas para armazenar produtos que eram destinados a Indústria Moraes⁵. Para além do aspecto econômico, evidenciado entre as trocas de mercadorias por dinheiro, percebemos que essa proximidade e o fluxo constante foram construindo e modificando as identidades dos moradores de Canárias.

Ilha não se limita aos aspectos geopolíticos de Araiões no Maranhão. O território hibridiza como afirma Canclini (2015), já que ao estabelecer constante do fluxo comercial com Parnaíba adota signos piauienses. A identificação passa nesse sentido por dois limiares, o primeiro, se entendem enquanto canarenses, nesse sentido, estão ligados ao município

⁵ A Moraes/SA foi uma indústria parnaibana que exportava produtos vegetais da região ao entrono de Parnaíba como: a carnaúba, o babaçu e a maniçoba. Teve seu apogeu principalmente durante século XX.

maranhense de Araiões; no segundo, por estarem inseridos, na rota comercial piauiense, inicialmente pelo Porto dos Tatus e posteriormente Parnaíba.

Nos relatos que seguem é possível perceber nas memórias de duas das nossas interlocutoras, que existe identificação entre o morador de Canárias e as possibilidades que a cidade de Parnaíba oferece para esse povoado de pescadores. Tomamos aqui o conceito de “identidade” em estreita relação com o sentimento de “pertencimento” Bauman (2005) propõe que:

O “pertencimento” e “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação em se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” como para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino uma condição sem alternativa (p. 17-18).

A centralidade da questão indenitária de acordo com Bauman (2005) assume na contemporaneidade um caráter fluido, diferente de outras concepções dos sujeitos ao longo do período histórico, inferindo novas percepções. Atualmente, se discute que uma das principais características das identidades é não ser em si um fenômeno pronto, acabado, estático, mas, sim, permitir-se ser portátil, maleável, de acordo com os contextos de construção social pelas quais um indivíduo foi forjando sua identidade em suas experiências subjetivas. Canárias representa um panorama dessas fragmentações e aderência aos fatores exógenos e endógenos, que possibilitaram uma concepção diferente sobre a identidade da comunidade. Na contemporaneidade, principalmente a partir das repercussões da globalização, podemos visualizar novas formas de subjetividades. Ao inferir uma interpretação complementar sobre a atual questão das identidades, Stuart Hall (2011) argumenta que na modernidade tardia:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas (p. 13).

Imersa em uma complexa relação de identificação com suas raízes maranhenses, os moradores da comunidade das Canárias se definem como maranhenses, mas se sentem distantes e “esquecidos” pelo seu Estado e Município vizinhos. Tal questão extrapola o aspecto geográfico, acreditamos que existem laços mais fortes com as referências piauienses,

nomeadamente com a cidade de Parnaíba-PI, influenciadas principalmente pelo campo econômico e cultural.

Parnaíba - PI é ponto de escoamento do excedente de produção de pequenas comunidades como no caso de Canárias. Nesse sentido, as relações mantidas entre o grupo de pescadores artesanais e os grupos de lavradores tendem a recorrer aos portos citadinos para venderem sua produção nos mercados municipais. Em Canárias, devido ao aspecto sazonal da produção, seja de pescado, seja de castanha de caju, carne do siri, o murici, o caranguejo, tais produtos acabam sendo escoados majoritariamente em Parnaíba-PI e não em Araióses - MA.

A cidade é significada para os pequenos povoados, para Diegues, de diferentes maneiras, o que irá depender, são as necessidades de cada comunidade, seja ela de pescadores ou de lavradores. Para esse autor, existem diferentes anseios por parte desses dois grupos: “Enquanto os pescadores-lavradores veem a cidade como um polo de referência mais ou menos distante, os pescadores artesanais passam a integrar o meio urbano, com os seus valores, os seus atrativos.” (1983, p. 221).

Nesse sentido, as relações de identificação com os signos citadinos tornam-se expressos até mesmo em conversas ditas corriqueiras, que remetem à cidade de Parnaíba como *locus* de possibilidades diversas. Ao falar de seu cotidiano é comum que os moradores do povoado relatem as vivências com a cidade, como podemos evidenciar na fala de dona Preta:

Quando a energia acaba o que a gente faz, lamparina nele (risos). Mais menina, eu compro querosene direto na Parnaíba. Pois é. A maioria das mulheres pariam era em casa. Hoje, vA maioria pro hospital. É lá no Passarinho, você conhece o Passarinho né? As mulheres lá quase tudo morreram de parto (Relato de dona Preta-aposentada, 70 anos).

Ao atentarmos para a maneira como a “Ilha” e a “cidade” são apresentadas nas narrativas das entrevistadas, poderemos perceber certa ambivalência entre um cenário que é descrito como dominado pelo ritmo tranquilo da natureza, que, contudo, não deixa de apresentar certos limites, e as facilidades, mas também, os conflitos demarcados pela dinâmica urbana.

Ao estudar o significado envolto nos temas sobre o “tradicional” e a “modernidade”, José de Souza Martins (2008) argumenta que ambos são reflexos de uma visão forjada pelo contexto capitalista, expresso principalmente na dualidade “campo” e “cidade”, expresso, dessa maneira, nas representações dos sujeitos a respeito do seu cotidiano.

A modernidade se instaura quando o conflito se torna cotidiano e se dissemina, sobretudo sob a forma de conflito cultural, de disputa entre valores sociais, de permanente proposição da necessidade de optar entre isto e aquilo, entre o novo e fugaz, de um lado, e o costumeiro e tradicional, de outro. Porém, uma opção esgotada

na própria tentativa de optar, pois é opção impossível: o mundo, inclusive o mundo da vida cotidiana, já não é nem uma coisa nem outra, embora pareça ser os dois ou, melhor, os vários e diversos (2008, p. 20).

Diante do expansivo processo de “globalização” e das consequências deste para a Ilha das Canárias podemos perceber que algumas categorias anteriormente bem definidas, tais como “tempo” e “espaço”, foram reestruturadas, ressignificadas, o que tem possibilitado novas conjunturas e percepções sobre o cotidiano local.

3.3. O extrativismo vegetal subsidiando a indústria em Parnaíba: uma atividade basicamente feminina

Ao imergir nas representações dessas moradoras sobre o cotidiano de homens e mulheres da comunidade em meados do século XX, percebemos uma relação com a natureza muito marcada com o regime das marés, ditando o tempo das pescarias. Ao mesmo tempo notamos também que além da pesca e da cultura do arroz, subsistiam outras fontes de renda expressas no extrativismo vegetal praticado em grande parte pelas mulheres da comunidade.

Podemos notar que havia uma divisão de funções, geralmente aos homens, fica delegada a pesca, profissão geralmente associada ao perigo e a imprevisibilidade das condições do mar para a pescaria. Restava às mulheres no máximo navegar pelo rio, sempre acompanhadas por seus filhos e maridos. Em sociedades onde há pouca divisão de funções, os laços entre seus membros se tornam mais coesos. As atividades sejam de pesca, de lavoura do arroz e até mesmo de extrativismo vegetal eram exercidas em grupos.

Mesmo sendo uma fonte de renda, o extrativismo vegetal de produtos advindos dos mangues da região, notamos que essa não era uma atividade central para o sustento das famílias. Essa atividade era vista como uma fonte de renda complementar. Podemos perceber que existem alguns fatores que influenciaram para que assim fosse. O primeiro deles é expresso no discurso da centralidade da figura do homem enquanto provedor da casa, reproduzindo assim a dominação masculina; o segundo, as mulheres em grande parte exerciam o extrativismo, através do esquema de divisão social do trabalho. Por isso talvez esse serviço fosse lembrado enquanto uma complementação de renda. Muito provavelmente porque a pesca representasse mais prestígio dentro dessa comunidade.

Na fala de dona Rosa (64 anos) notamos essa divisão de funções, aliada novamente à categoria “tempo de menina”. Percebemos que através dessa categoria é possível acessar às

memórias individuais. Ao passo em que percebemos existir uma sincronia entre a consciência individual e a coletiva revelada nas ligações entre os familiares, os vizinhos, expressa pela rotina das embarcações, através do cotidiano. Ao recordar o seu “tempo de menina” dona Rosa relata:

Amanda: Quais são as suas lembranças de Canárias, no seu tempo de menina?

Dona Rosa: quando eu era menina... eu alcancei as Canária um lugar muito pobre! Mas agente todo dia tinha o que comer porque tinha o peixe. Tinha a vida de pescaria de camurupim. Na época não tinha muitas redes de pesca. Outra fonte de renda era tirar a lenha no mangue e vender. Faziam um metro quadrado de lenha e vendiam.

Amanda: mas esse trabalho era a família toda que participava?

Dona Rosa: Não só os homens porque as mulheres não iam. Outra fonte de renda tirar casca no mangue. Eles tiravam aquelas cascas grandes do mangue. Aí os compradores pegavam, e botavam ao sol. Quando secava eles botavam debaixo de um barracão. Que eles faziam de palha toda coberta, tipo uma casa bem grande. Aí as mulheres faziam parte. Elas iam quebrar essas cascas de mangue vermelho. Tinham as pessoas que iam chamar, as mulheres para quebrar as cascas; tinha os homens para ensacar e depois traziam para a Parnaíba para venderem para onde eles curtiam o coro (Dona Rosa - aposentada, 64 anos).

A complementariedade da renda é um discurso bem presente na fala de mulheres como dona Rosa, principalmente no processo de divisão de funções, enquanto diferenciadoras dentro da estrutura social da comunidade. O extrativismo de produtos vegetais aliado a sazonalidade do cultivo do arroz e de algumas espécies de peixes, que alternava dependendo da estação ao longo do ano. Frente a essas dificuldades do tempo passado, a comunidade interagiu com as possibilidades que a natureza lhe ofertava. Existia uma série de alternativas de renda além da pesca artesanal. No trecho seguinte podemos notar na fala de dona Guilhermina essa sazonalidade:

Dona Guilhermina: meu avô era dono de um carnaubal. Quando chegava um tempo ele tirava e nós é que íamos ajudar a bater a palha. Ai a gente ajudava ele, quando chegava o tempo ele dizia: Vamos me ajudar, meus filhos, meus netos, e a gente ia. Hoje em dia não, hoje em dia tudo é fácil. Para as escolas muitos não iam porque não podiam (Dona Guilhermina - aposentada, 100 anos).

Analisamos que no “tempo de menina”, categoria do tempo passado, do tempo da infância dessas mulheres, cada situação tinha seu tempo, o tempo de plantar e de colher o arroz, o tempo da maré para ir a Parnaíba-PI, o tempo de colher o murici etc., a modernidade parece deslocar essa temporalidade circunscrita no “tempo de cada coisa”. Atualmente, já não se planta mais arroz, não se depende mais de marés para ir a Parnaíba, o sujeito da contemporaneidade parece um ser atrevido que burla o tempo a seu favor. Talvez por isso o tempo atual pareça ser “fácil”, “bom”, quando comparado com o anterior.

Entre as possibilidades de pensar o presente em sua rotina cotidiana, percebemos que na clivagem entre o passado em sua composição na forma de uma “quietude”, “coesão” e o “tempo da natureza”, faz sentido, principalmente, quando comparado com a “modernidade”. Esta última é sempre pensada em torno das “vantagens” e “desvantagens”, para com o passado, quando não havia chegado a eletricidade, por exemplo. Pesquisar sobre o passado e as memórias e histórias de vida dos personagens da região do Delta é também descobrir as conexões entre elas e o acervo naval, que navegava pelo rio Parnaíba, presentes no relato de dona Rosa, que chegou na comunidade com três anos de idade.

O rio, as embarcações, o trabalho braçal, de força praticamente manual, seja no extrativismo, na pescaria, o cotidiano reunia a comunidade e embarcações em torno de uma narrativa, que envolve personagens da história de Canárias. Ainda na fala de dona Rosa percebemos que além de embarcações como a “canoa”, o “motor de centro”, das “chalanas” e das contemporâneas “voadeiras” era comum, dada as condições do rio para a navegação, que o transporte de cargas mais pesadas fosse feito com outro tipo de embarcação:

Dona Rosa: O batelão⁶. Era uma canoa bem grande de voga. Eram necessários quatro homens para vogar, uma pessoa ficava atrás no leme. Aí quando não dava para ir, tinha uma vela grande que eles botavam para vir correndo a pano. Então tinham velas bem grande para trazer onde não tinha vento eles afiavam a vela e vinha vogando, remando quatro homens (Dona Rosa - aposentada, 64 anos).

É interessante perceber que no passado “tradicional”, o trabalho era majoritariamente manual, temos a percepção da figura do homem no lidar com a natureza transformando-a. Nas viagens, a canoa era movida a remos, na força do braço, e a vela, movida pelos ventos. O batelão é um exemplo do aproveitamento dos recursos manuais e naturais para o transporte de mercadorias. A maneira como os rios se impunham sobre o homem, na medida em que procurava se apropriar de instrumentos para lidar com ela, pensemos nas embarcações e nos

⁶ Era uma embarcação para o escoamento de produtos do extrativismo da região. Media cerca de 20-25 metros de comprimento. Era apropriada para a navegação daquela época e funcionava a vela (um pano com quatro pontas, no formato de um quadrado, com um mastro disposto no meio da vela, com duas cordas nas laterais com as quais o popeiro manipulava para o melhor aproveitamento dos ventos); a voga (uma vara com cerca de seis metros com uma tábua afixada na extremidade de baixo, com quatro a seis remadores, que ficavam de costas para a proa); e a vara (media cerca 10 metros de comprimento, era usada em locais onde não era possível utilizar nem voga nem a vela, o tripulante a calçava uma das extremidades da vara no peitoral sendo que a outra extremidade ficava caçada na margem do rio, indo da proa a popa). Na popa ficava o mestre da embarcação controlando o leme.

seus apetrechos. Nos locais em que era possível aproveitar as condições do vento para a navegação se ericava a vela. Quando isto não era possível se utilizava o remo ou a voga.

Devido às dificuldades financeiras e à ausência de motores propulsores, nas viagens, se usava ou o remo ou a vela. Atualmente, o transporte com as voadeiras ou lanchas rápidas tornaram o tempo e as condições de viagem mais confortáveis para os moradores da comunidade. Ao passo em que a modernidade se instaura nas cidades e atinge as comunidades do entorno a dinâmica dessas também se altera. Na medida em que o trabalho manual é modificado pela inserção de motores e máquinas, que simplificam o dia a dia, mas rompem a lógica econômica das comunidades. A venda da lenha é lembrada por dona Rosa como uma fonte de renda, que abastecia uma Indústria de Parnaíba-PI:

A madeira que eles compravam no m² trazida para a usina Moraes. Porque naquela época era tudo era só com a com lenha, eles faziam comprava lenha para queimar para fazer sabão e óleos. Para fazer os caixotes era só a siriba, porque é mais durativa e é melhor de fazer a taboa. E faziam os pedaços [...]. O tucum agente ajuntava, quebrava, que é para tirar óleo, para fazer sabão, ração. Hoje não tem mais essas compra de lenha, não tem mais as compra de casca, não tem mais as compra de tora de siriba porque tudo isso acabou porque hoje é tudo é na base de é de eletricidade de motor disso e daquilo. Hoje eles têm uma máquina, para cortar. Pois é, naquela época era força do homem (Dona Rosa - aposentada, 64 anos).

Nesse trecho, é interessante notar que a “modernidade” construída em torno do setor industrial parnaibano foi fortemente marcada por subsídios advindos do extrativismo vegetal de pequenas comunidades tradicionais no entorno da cidade de Parnaíba - PI. Percebemos diante disso que a extração de produtos associados à carnaúba, o mangue vermelho etc., surgem nos discursos dessas moradoras. Nesse sentido podemos observar formas de trabalho extremamente artesanais/manuais ligadas ao “passado”, mas também vemos surgir diante desse panorama uma relação de coexistência do “passado”, dessa tradição com a ideia de “modernidade” expressa na utilização desses produtos pela Indústria. Os contrastes entre o “moderno” e o “tradicional” se torna nítido em alguns momentos específicos, dependendo da maneira como cada indivíduo constrói sua narrativa.

Percebemos que, historicamente, as categorias “moderno” e “tradicional” parecem estar profundamente imbricadas, mesmo que escamoteadas por práticas cotidianas, que distinguem o que é moderno do que é tradicional. A chegada da energia elétrica modificou profundamente o regime econômico de Canárias; atualmente, o extrativismo da cera de carnaúba já não está tão presente enquanto fonte de renda, a venda de tucum também não é mais tão evidente. Para dona Rosa:

Dona Rosa: aí quando o Raimundo Vicente botou esse motor de centro ele começou a trazer as pessoas antes a gente vinha era remando.

Amanda: e como que combinavam essas viagens, nas canoas vinham remando, como que era?

Dona Rosa: era assim: a gente se combinava por exemplo um dizia: amanhã eu vou pra Parnaíba, aí já minha vizinha dizia eu vou também um outro falava, me dê uma passagem. E a gente pagava a passagem para vir remando. E ainda pagava a passagem. Porque se a canoa era minha, por exemplo aí eu dizia: amanhã eu vou pra Parnaíba e outro já dizia: olha e você está indo de que? Aí eu respondia: eu vou na minha canoa. Ai o outro falava: pois me dê uma passagem. Nisso aparecia outro dizendo: me dê uma passagem. E a canoa era pequena, vamos supor, pegava dois, quatro, seis, sete pessoas. O dono falava minha canoa é pequena só pega sete pessoas, se eu pegava três, seis, nove dependendo das pessoas que iam três em cada banco e o da popa né! Aí vinha todo mundo remando, chegava no porto, vinha pra Parnaíba, voltava remando e quando chegava nas Canárias perguntava: quanto é a minha passagem, aí o dono da canoa dizia: é tanto. Ai a gente ia lá e tinha que pagar a passagem. Ou seja, nós remávamos que nem uns condenados, às vezes contra o vento. E contra a maré. Chegava lá morto de fome tamanha 13h00min-14h00min da tarde pegando sol passando fome e ainda ia remando (Dona Rosa - aposentada, 64 anos).

A partir dessa fala, notamos que houve uma transformação significativa nas formas de sociabilidade nas relações sociais no que concerne ao transporte nas Canárias. Anteriormente, as redes de transportes estavam concentradas nas mãos de uma parcela de sujeitos que possuíam canoas. As maneiras de organizar as viagens também foram sendo modificadas. Principalmente porque com os motores a propulsão os moradores não precisam ir remando. Isso tirava o desgaste dos moradores que além de uma viagem longa se tornava menos exaustiva. Atualmente, com as “voadeiras” se paga cinco reais, mas o tempo da viagem é otimizado pela rapidez da embarcação.

Para Simmel (2006), em cada comunidade existem formas de sociabilidade que podem ser expressas como um “conteúdo”, este pode ser material, pensemos nas embarcações, mas, também, na “forma” que é traduzida no social, pensemos na relação que a comunidade de Canárias desenvolveu com as embarcações, que são um recurso material que produzem uma cotidianidade atrelada à rotina que perpassa o espaço do rio, do mar, portando, concluímos que existe uma forma de sociabilidade nas Comunidades Tradicionais Pesqueiras, que variam com o tempo, com as gerações e os contextos nos quais elas se encontram, mas que também é expressa nas relações que a comunidade estabelece com seus signos.

Entendemos que “[...] a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. ” (SIMMEL, 2006, p. 59). Essas “finalidades” proporcionam pontos de convergência entre esses moradores, que se reúnem de acordo com afinidades em comum, como

citado anteriormente no relato sobre a organização da ida e vinda de Canárias a Parnaíba. O itinerário entre a Ilha - MA / Parnaíba - PI representado nas falas das nossas interlocutoras se construiu como parte do próprio cotidiano local.

Nesse cenário, percebemos a imbricada conexão entre o que é considerado “moderno” e os atravessamentos do tradicional em uma comunidade de pescadores. No capítulo seguinte, veremos como o extrativismo, o lidar com a terra e a lavoura foram deixados no passado da comunidade e como a pesca, atualmente, é a principal fonte de renda, é um referencial identitário dos moradores.

4. DA LAVOURA À PESCA: A CENTRALIDADE DA ATIVIDADE PESQUEIRA COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL DE CANÁRIAS - MA.

[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2011, p.13).

A reflexão sobre o papel das identidades na contemporaneidade tem demandado atenção de sociólogos e antropólogos dado o aparente processo de homogeneização e difusão de referenciais identitários que marcam o processo de globalização. Mas afinal, existe uma identidade fixa, única, que assumimos desde que nascemos e que permanece intacta mesmo que em diferentes contextos?

Neste capítulo, problematizaremos a construção da identidade dos moradores das Canárias a partir de duas percepções que surgiram no decorrer das conversas e entrevistas com moradores, que viveram diferentes momentos da história da comunidade.

Inicialmente, é importante destacar que compreendemos o conceito de identidade a partir de Hall (2011), Bauman (2005) e Canclini (2015), uma construção social e histórica, fluida e híbrida. Existem signos e símbolos materiais como as embarcações, que conectam tanto a identidade dos moradores de Canárias como os identificam perante outros pescadores da região. As formas das canoas, os tipos de velas e os instrumentos de pesca nos permitem lançar um olhar sobre a materialidade da cultura desse lugar.

As embarcações nos possibilitam observar as dinâmicas de trabalho de comunidades como a de Canárias, já que a locomoção dos moradores de ilhas é processada em grande medida por embarcações como a “canoas”. Além de um instrumento de trabalho é também fruto de um legado, que conecta esse grupo com sua ancestralidade, expresso no lidar com a pesca.

De acordo com Diegues “[...] a pescaria com canoas motorizadas representa ao mesmo tempo uma continuidade e o início da ruptura com a pequena pesca dos pescadores-lavradores” (1983, p. 193). Embora a comunidade de Canárias tenha compartilhado até aproximadamente a segunda década do século XX as atividades de pesca e agricultura, houve um rompimento com esse modo de vida local. Procuramos neste capítulo identificar a partir de que contexto houve a substituição da lavoura de arroz, pela pesca no mar, enquanto atividade e fonte de renda.

Os moradores de Canárias, no seu cotidiano, expressam características de uma construção social de povos indígenas, negros e brancos advindos do Ceará e Maranhão, principalmente. Além dessa variedade com relação ao povoamento, também podemos constatar

que no início do século XX, os moradores dessa região do Delta sobreviviam em grande parte por meio da cultura do arroz, já que as condições de solo próximo à beira do rio favoreciam essa produção.

Naquele período, segundo os relatos dos moradores mais antigos, também se realizava a pesca de curral⁷, já que o rio era mais estreito e muito profundo. Havia diferentes perfis de atividades de subsistência e, dada as dificuldades da época, os moradores sabiam um pouco de cada atividade, embora alguns preferissem se dedicar apenas a uma atividade.

Nas conversas com a população de moradoras da comunidade que tiveram outras vivências com os espaços sociais e culturais bem como com o legado simbólico. Pois percebemos que cada grupo de indivíduos de determinada época compartilham um conjunto de memórias e significados, produtos de uma vivência com o meio e com outros indivíduos produzindo assim a cada grupo etário um arcabouço simbólico tanto de suas práticas como das lembranças sobre o tempo que passou. Diante da relação entre indivíduo e o meio em que esse vive Gandara (2010) escreve:

A paisagem geográfica é um campo de significação sociocultural, e nos seus simulacros, pulsam, mesmo que debilmente as contradições do imaginário que atribui à sua plasticidade o sentido de sua historicidade. Afinal o real não é feito de coisas e/ou de imagens autênticas das coisas, mas, sim da relação que temos com elas [...] (p. 34-5).

Observamos que conforme retratavam o seu passado, lembravam com carinho a memória de uma comunidade que já foi modificada de diversas maneiras, tais como: o recuo das casas pelo avançar do rio; as casas de taipa que, atualmente, cederam lugar às casas de alvenaria; a luz de lamparina, que foi substituída pelas lâmpadas elétricas; as festas chamadas “bazares” (eram festas conduzidas ao som de radiolas, no qual se reuniam moças e rapazes), por paredes de sons, é comum que na casa de alguns moradores exista uma caixa de som e que, diariamente, escutem em alto volume músicas como: forró e brega. Recordar esse passado, provoca imensa nostalgia. Em suas falas, compassadas pelas lembranças da infância, permeiam

⁷ Era uma modalidade de pesca artesanal praticada em rio, principalmente no período do verão. Na pesca de curral, se pescava de canoa em maré de vazante. A estrutura do curral era composta por uma estrutura de varas dispostas em formato circular, estas por sua vez eram amarradas com uma espécie de cipó. De acordo com os pescadores da comunidade com a projeção da sombra das varetas na água o peixe depois de entrar do peixe nessa armadilha de pesca, ou seja, uma vez presos os peixes não conseguiam sair ou fazer o retorno no curral. Essa modalidade de pesca já não é praticada na Ilha, ela foi uma das principais fontes de renda, mas entrou em declínio por volta dos anos 70 e 80 do século XX, com a chegada de redes de pesca como as caçoeiras.

o tempo das dificuldades, como a dependência das condições da maré para que fosse possível sair remando de Canárias-MA, para vender o peixe, que, atualmente, é rapidamente transportado pelas voadeiras, que navegam o Rio Parnaíba.

Dentre essas inúmeras mudanças, que ocorreram na segunda metade do século XX e início do século XXI, elegemos como indicador a pesca e a construção das embarcações. A pesca até início do século XX era realizada, de acordo com alguns grupos de atividade pesqueira, e o domínio do pescador para com esses instrumentos de pesca como por exemplo eram usados predominantemente naquela época a sulanca⁸, redes de arrasto⁹; tarrafa¹⁰, linha¹¹, curral, modalidades praticadas no rio, havia também a pesca no mar. Os pescadores eram identificados na comunidade segundo o tipo de pesca que realizavam, mas por vezes muitos deles praticavam mais de um tipo de pesca. O que dependia do tipo de pescado mais encontrado no momento.

Entre os pescadores, constatamos que existem dois segmentos polarizadores na região: a pesca de água doce e de água salgada. Sendo assim, os pescadores se identificam quanto à salinidade da água da região, isso porque, dependendo do tipo de água, temos um tipo de peixe. Dessa forma, há o pescador de água doce e o pescador de água salgada. Canárias compõe a região do Delta do Parnaíba, nesse sentido, a água do rio se encontra com o Oceano Atlântico, água do mar, o que modificada o regime da salinidade da água de duas maneiras na comunidade. Durante parte do dia, o que depende da maré, quando está de vazante a água é doce, a outra parte do dia, quando a maré fica cheia, a água é salgada. Além disso, as atividades ligadas ao

8 A sulanca é um tipo rede de malha pequena feita com um cabo de náilon que mede cerca de 60 braças (a braça mede cerca de 1,5 m). As dimensões de uma sulanca medem em média 90 metros de comprimento por 3 braças de altura (cerca de 4,5 metros). Essa pesca era praticada nas enseadas, do rio ou do mar e trazia a rede do até a margem.

9 Essa modalidade de pesca era praticada na comunidade com uma rede de pesca com cerca de 15-20 metros, na qual era trazida rede da enseada até a margem, mas que hoje em dia não se utiliza mais.

10A tarrafa é um instrumento de pesca construído com náilon, com cerca de doze palmos (medida utilizada pelos pescadores para medir) cerca de 2,5 metros. A tarrafa é utilizada para pesca no rio e no mar. Seu uso é geralmente para pescar iscas como o camarão e sauna.

11 Na pesca de linha, se utiliza um fio de náilon, no qual são fixadas anzóis e uma chumbada (peso de chumbo que auxilia na imersão da linha). Praticada em rio e no mar, entretanto cada um dos tipos de pesca demanda tipos distintos de materiais, sendo que para o mar, as linhas são de numeração maior do que as usadas no rio.

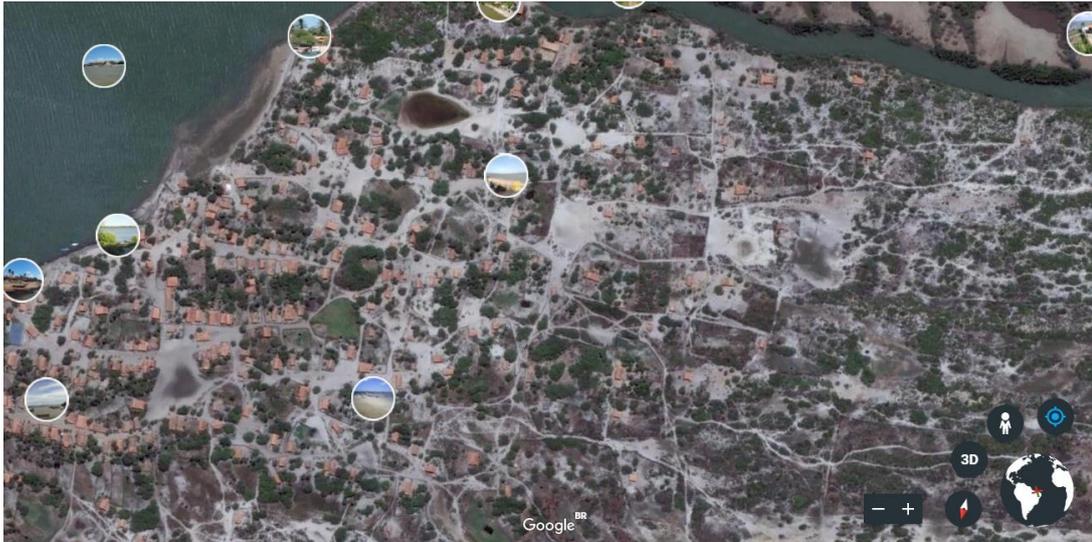
mar também são distinguidas pelos moradores locais das atividades ligadas a terra, dessa forma surgem dois tipos sociais locais o “pescador” e o “lavrador”.

4.1. Território e *status* a partir da espacialidade

Na praça central da comunidade das Canárias, onde a igreja católica está situada, é o principal ponto de referência do espaço local. Além desse marco espacial, a divisão ainda se estende entre os que moram no “lado de cima” e os que moram no “lado de baixo”, isso de acordo com a referência à igreja de São João Batista (igreja católica). Tais categorias nativas foram historicamente construídas e também estão associadas a tipos sociais específicos: o “lavrador” e o “pescador”. O “lado de baixo” é composto predominantemente por moradores que trabalhavam com a cultura do arroz. Historicamente, as famílias de lavradores da comunidade dependem da sazonalidade da própria produção, o pouco dinheiro, que conseguiam para o ano todo, depende do calendário do plantio e colheita e venda dos grãos.

Na outra extremidade da comunidade, estão os que moram no “lado de cima”, que, geralmente, se consideram “privilegiados” e detentores de um *status* de superioridade, quando comparados aos que moram no “lado de baixo”. Para compreender um pouco dessa configuração é preciso destacar novamente que esse “lado” da comunidade é composto predominantemente por moradores que exercem a pesca no rio e por vezes no mar.

A diferenciação no campo do trabalho afetava a dinâmica de todo o grupo, construindo diferenciações e hierarquizando os indivíduos, segmentando de um lado os que possuíam uma embarcação, os que pescavam e que os moravam na parte de “cima”. Esses fazem parte do circuito do peixe e, conseqüentemente, do dinheiro.



Mapa 2. “Lado de baixo” de Canárias. Fonte: google Earth.

Por pertencerem a grupos familiares que, historicamente, estiveram envolvidos na atividade pesqueira, esses moradores também passaram a adquirir ou construir suas próprias condições de trabalho - canoas, redes, equipamentos, mão de obra especializada, necessárias para exercer a atividade. Isso lhes garantiu uma condição de vida economicamente melhor comparados aos lavradores. Esta distinção foi transposta aos espaços físicos da comunidade.

Do ponto de vista local, morar do “lado de cima” é ter mais prestígio. Contudo, esses não são lugares estanques, os indivíduos envolvidos na atividade pesqueira eram tidos como melhores pretendentes para as moças do lugar. Dessa forma, alguns dos casamentos eram realizados entre as filhas dos lavradores com os filhos dos pescadores, proporcionando certa mobilidade social. Vale salientar que as disputas por posições de prestígio em Canárias estão também baseadas no sobrenome da família, que funcionam como mapas indicadores de origem e ancestralidade.



Mapa 3. Imagem do “lado de cima” de Canárias. Fonte: google Earth.

Atualmente, a distinção entre “pescadores” e “lavradores” não é tão nítida como fora no passado. Os incentivos do governo federal para grupos sociais como os pescadores nas últimas décadas e a consequente expansão das colônias de pescadores a partir dos anos 1960 ampliaram o número de moradores que se auto identificam como pescadores. Tais fatores, associados ao benefício do seguro defeso¹², proporcionaram um alargamento do campo pesqueiro em Canárias. As garantias de direitos trabalhistas no campo da pesca proporcionaram aos moradores, de um modo geral, investir na pesca. Consequentemente, o número de embarcações de pesca como as canoas, cresceu significativamente. As redes de pesca e o modo de vida sazonal, alicerçado na lavoura, foram migrando para a pesca, seja ela de rio ou de mar.

4.2. A pesca de rio e a pesca do mar: performatividades na pesca artesanal

A “pesca de rio” é uma modalidade praticada individualmente, em dupla ou em grupos maiores, dependendo do tipo de pesca. Existem diversas modalidades como a pesca do siri com

¹² O seguro defeso equivale ao seguro desemprego, este é assegurado aos pescadores artesanais durante a reprodução dos peixes, período conhecido como piracema. Esse benefício foi assegurado pela lei nº10.779 de 25, de novembro de 2003.

o landuá¹³; de linha; a pesca de tarrafa; a pesca do camarão com o puçá¹⁴ e de outros peixes. Esse tipo de pesca, na comunidade é considerada como uma subcategoria de pesca, isto porque essa modalidade situando hierarquicamente está abaixo da “pesca de mar”. Observamos que isto ocorre principalmente por fatores como o “risco” que é atribuído aos homens que pescam no mar, sua “bravura” e características como a força física que é exigida para praticá-la são pontos constantemente atrelados ao pescador do mar e não ao do rio e não só por uma diferenciação dos tipos de peixe, mas envolve os referenciais e a relação que essa comunidade constrói com os espaços socialmente distinto e prestigiado.

Em Canárias, a “pesca” é uma atividade segmentada por rígidas categorias de gênero, de espaços e de “tipos” de peixe, que cada pescador realiza. Aliado à ideia de “bravura”, de “força” e “virilidade” do pescador dessa faixa do litoral, que ainda realiza a pesca em torno do núcleo familiar mais próximo, geralmente, irmãos, tios e sobrinhos, além de amigos e compadres.

Nesse caso, o “universo masculino” está associado a determinado espaço geográfico, “o mar”, nele o indivíduo tem a possibilidade de estender sua atuação do campo terrestre para também “desbravar”, “dominar” e “conquistar” o espaço do mar. Essas representações, que permeiam a identidade local do pescador, também giram em torno do lugar social dos indivíduos na comunidade. Vale salientar que não são todos os pescadores que possuem uma canoa ou que possuem suas próprias redes e instrumentos de pesca. Percebemos diante disso que a pesca de mar é parte da esfera social de uma construção cultural atrelada ao universo masculino, o ser “homem”. Ser um pescador de “rio” e de “mar” é o que interliga o sujeito à estrutura.

A “hierarquia” presente no mar também organiza as redes de relacionamento no espaço terrestre. Por vezes, determinados atores considerados como “influentes” e até mesmo sábios, na comunidade são em geral homens mais velhos. Além das hierarquias descritas anteriormente, o pescador que sabe se localizar em alto mar, que conhece os pontos bons de pescar também tem um *status* diferenciado, caracterizado como “mestre”.

13 O “landuá” é um instrumento de pesca para a captura do siri, feiro com fios de náilon, com bordas de madeira, em formato circular.

14 O “puçá” é um instrumento de arrasto, com duas varas nas laterais e uma rede de náilon entre uma extremidade e outra.

Existem muitos campos de atuação dentro desse sistema cultural, diferenças de gênero, de idade e até mesmo de acesso a determinados grupos, que são gerados no interior de grupos maiores, como, por exemplo, para os homens que pescam no mar sejam eles: “católicos”, “jovens”, “adultos”, “solteiros”, é comum que estes ocupem determinados locais de pesca, que por vezes são espaços diferentes dos que os homens: evangélicos, casados e solteiros ocupam. Enfim, existem muitos extratos sociais dentro do campo da pesca. Para nos aprofundarmos na complexidade da dinâmica local da comunidade temos que localizar Canárias na lógica das hierarquias e divisões, que permeiam tanto o campo simbólico como o território geográfico e estendê-lo para o campo pesqueiro.

Para discutir essa questão, conversamos novamente com o grupo de pescadores que vivenciaram outros contextos históricos e sociais, para entender as cisões que existem dentro do campo pesqueiro. Identificamos que a interseção do campo pesqueiro com o campo religioso é reconfigurada de acordo como os processos de interação social na comunidade. Aproximadamente até os anos 2002-2003 houvesse uma predominância da religião católica na Ilha. Esse panorama começou a ser modificado com a chegada de um grupo religioso da vertente batista denominado pelo grupo católico como “os crentes”. Muitas das pessoas idosas se mostram indignadas com a possibilidade de a comunidade não ser mais um “grupo”, um todo aparentemente coeso, formado e agregado em torno das mesmas crenças. De alguns anos para cá, observamos que é bastante corriqueiro que os homens se agrupem conforme o credo religioso, tendo em vista que precisa existir uma certa “camaradagem” entre os pescadores no rio e no mar.

As alianças entre os pescadores também são configuradas conforme o tipo de embarcação que é utilizada na pesca. As canoas têm capacidade para no máximo quatro pescadores, essa formação é designada por eles de “turma”, seja para a pesca no rio ou no mar; existem também embarcações como o “motor de centro”, que também fazem o transporte de pescadores para a costa, em geral, a formação ocorre a partir de cinco ou mais pescadores, também designada de “turma”. Os motores de centro via de regra são propriedade de algum comprador de peixe da região, como são embarcações de grande porte, maiores do que as canoas, transportam mais pescadores. Quando o pescador dessa embarcação chega de uma pesca, costuma vender o peixe daquela pescaria para o dono da embarcação, na qual foram para a costa, já que o dono do transporte que, geralmente, é um comprador e vendedor de peixe,

dispõe para o grupo de pescadores o combustível e o transporte para se deslocarem ao mar, mas isso acontece quando o pescador não possui uma canoa ou não pesque nas “turmas”.

Um dos traços que torna particular a comunidade de Canárias é o fato de ter construído sua tradição pesqueira tanto de água doce como salgada. Diante disso, também analisamos as transformações na dinâmica do regime de trabalho dos pescadores. Setor que constantemente tem enfrentado novas realidades como o uso de motores nas embarcações de pesca.

Gandara (2010) nos adverte que ao pesquisar as relações estabelecidas por comunidades de cultura ribeirinha, segmento esse que possui estreitas relações com rios e nesse caso estendo aos mares, porque reflete o cotidiano de Canárias, é preciso entendê-las como: “[...] produto e produtor histórico e social que tem relações com a sociedade e seu conjunto, com seus elementos constitutivos e com sua história em particular [...]” (p. 20). Essa perspectiva, permite compreender como as práticas sociais se manifestam nas relações entre os indivíduos, nesse cenário, o rio e o mar também são atores sociais que ora assumem o papel principal das estórias da comunidade, ora assumem o papel de fonte de subsistência dos moradores de Canárias.

O rio é personificado no folclore local através dos mitos e das lendas locais tais como: Cabeça de Cuia, das Mães d’água¹⁵, o próprio fato de ser ele, o rio, personagem do imaginário, assim como a fonte de sustento e símbolo de vida, interliga as comunidades de tradição pesqueira em uma íntima relação com a natureza que vai muito além do aspecto de subsistência, já que muitas das memórias e das narrativas desses povos são construídas as suas margens. Essa interação com a natureza produz identidades e referências com próprio lugar, seu fator histórico, cultural e social integram os indivíduos com as estruturas sociais presente nessa Comunidade Tradicional Pesqueira.

Outro aspecto que nossa pesquisa abordou foi a maneira como os processos de divisão social do trabalho constroem a diferenciações no campo social. Dessa forma, outro aspecto possível de se discutir são as implicações exercidas pelo capitalismo nas relações de produção,

¹⁵ No discurso de muitos dos anciãos da comunidade percebemos que o rio e o mar eram retratados em torno de explicações místicas sobre os segredos da natureza. As estórias sobre o cabeça de Cuia, um ser com uma cabeça enorme que aparecia nas águas do rio e que assustava os moradores do rio. Tornava a ida no rio e no mar em horários noturnos uma aventura cercada de mistérios como assobios, ao despescar as redes na costa e bolas de fogo, o Batatão. As Mães D’agua também aparecem nas falas dos moradores de acordo com eles era comum ouvir batuques ecoarem pelo rio altas horas da noite. Atualmente, essas estórias ficam tachadas como estórias de pescador.

uso, consumo e venda, seja por parte dos pescados, bem como das embarcações produzidas na comunidade.

Constatamos, a partir das observações de campo que as reproduções dos saberes culturais são transferidas de maneira tão naturalizada que ainda na infância os pais ensinam os filhos meninos a segurar e remendar as redes de pesca, instruem os filhos sobre os nomes dos peixes e narram suas aventuras no mar; todo esse conhecimento que perpassa a lógica da ciência do concreto, pois esse arcabouço cultural é transmitido dentro de um sistema de práticas artesanais (LÉVI-STRAUSS, 1976). Esse saber-fazer, essa “arte de fazer”, recorrendo a Michel de Certeau (1998), que ainda se perpetua e se personifica na figura dos mestres artesãos da própria comunidade.

Para compreender o pescador e o construtor naval é preciso atentar para os elementos que compõem esses personagens, ou seja, o pano de fundo no qual estão situadas suas experiências cotidianas, expressas suas formas e expressões de sociabilidades. A partir da experiência de partilharem tanto a espacialidade da terra como a do mar. Segundo Ramalho (2012):

O pescador é sempre resultado de várias gerações, de ancestralidades corporificadas em suas técnicas (manejo das águas, das armadilhas e do barco) e formas de sociabilidades repassadas, aperfeiçoadas e constantemente renovadas nos campos material e simbólico, que são também patrimoniais. É objeto e sujeito de um saber-fazer, que não se esgota; renova-se e se refaz para que esse trabalhador possa continuar existindo, resistindo, reproduzindo-se na sua relação com a totalidade social [...] da qual é parte integrante (p.19).

A partir das expressões materiais e simbólicas que compõem o universo do pescador e do construtor naval, assim como sua relação com a comunidade local, notamos que esses personagens ao desempenharem suas “funções”, enquanto membros de uma estrutura tradicional, permitem a continuidade de um conjunto de signos do campo simbólico da comunidade, mediante a manutenção de um emaranhado de relações sociais, que revestem o cotidiano de Canárias.

A imagem do pescador, personagem do litoral nordestino brasileiro, está latente na consciência coletiva e individual dos moradores do Delta do Parnaíba e nesse sentido percebemos nitidamente a ligação desse personagem para com a canoa. As embarcações, enquanto símbolo material de um saber imaterial, torna visível e tangível essa representação aparentemente impalpável da cultura local. Para Diegues (2004):

[...] o conhecimento tradicional na pesca é entendido como um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber-fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida (p. 32).

Outro ponto interessante foi perceber como o pescador e o construtor naval se percebem enquanto retratos de uma cultura local, enquanto sujeitos na perpetuação dos saberes (valores morais, normas, regras, hierarquias etc.) e fazeres (redes de pesca, embarcações, os horários de sair para pesca, os pontos ideais para pesca e as marés). Percebemos que através da memória e da oralidade eles perpetuam em uma série de arranjos pelos quais eles mesmos foram construídos. No movimento de reconstruir, transmitir e ressignificar esses signos notamos que em cada geração essa ligação com os seus ancestrais se faz presente, seja nas histórias de pescador, nas lendas e crenças, nos mitos sobre as águas e o mar como campo sagrado, de onde provém o alimento.

Para Corbin (1989), a praia e o mar já foram protagonistas do ar misterioso que imperava sobre as águas. Principalmente, por ser um território pouco explorado, era cercado de mitos e simbologias, o que ajudou a construir uma representação distorcida sobre o imaginário da praia, principalmente quando esse cenário é, na maioria das vezes, desconhecido pela maioria dos indivíduos. O autor ainda argumenta que podem ser possíveis raízes do medo e da repulsa ao mar. Podemos, com base em Corbin, refletir em que medida essa representação do mar, enquanto um território “desconhecido” e “perigoso”, legitimou a pesca no mar, enquanto um lugar para os homens, construindo, assim, hierarquias e distinções entre os territórios de acordo com o tipo de água. Separando dessa maneira as categorias de pesca em águas, rasas e doces designadas em grande parte para o universo feminino. Para o autor:

Uma arte de viver modela-se nas praias de mar, e veremos mais adiante em que isso resultou para a sociabilidade. A codificação de hábitos coletivos, o desdobramento de estratégias de distanciamento e distinção que ordenam o espetáculo social, duplicam-se em profundidade com a elaboração de cuidados pessoais individuais relacionados a novos esquemas de apreciação, e que engendram modelos inéditos de comportamento (CORBIN, 1989, 99).

Constatamos que diante do mar e do rio existem relações sociais entre os sujeitos e o meio no qual estão inseridos, relações que foram construídas e reproduzidas ao longo dos anos em Comunidades Tradicionais Pesqueiras como no caso de Canárias. Percebemos, nessa comunidade, um tipo de relação mediada pela interação e ação do homem/natureza e

homem/homem e de natureza para com o homem. Que também é visível na dinâmica do homem lidando com as “incertezas” do mar. Já em terra, na comunidade a relação de dependência assume outra forma, a interação entre os sujeitos e a espacialidade da ilha configura outro tipo de relação expressa na territorialidade, por exemplo, as disputas por locais para construir uma casa, e, portanto, outras implicações simbólicas.

A “pesca” para os pescadores de Canárias é entendida como meio de subsistência, tanto dele pescador, como de sua família. Uma profissão na maioria das vezes descrita como “perigosa”, principalmente quando está envolta nas incertezas do mar e nos “mistérios da natureza”. O pescador reflete aspectos que transitam entre os ideais de “coragem” e de “ousadia”. Esse personagem, o pescador, por vezes, se aproxima do tipo¹⁶ “aventureiro¹⁷” descrito por Holanda (1995). O compreendemos como um personagem que se assemelha aos “caçadores”, que se projetam em um ambiente para dele usufruir, sem que desempenhem esforços na criação do que coletam, como os peixes no mar e no rio. Para o autor, o tipo “aventureiro” é aquele que: “[...] Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore. [...] ignora as fronteiras [...] vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos dos horizontes distantes” (idem, p. 44). Já o tipo “trabalhador” empregamos para compreender o personagem “lavrador” (atividade que já não é praticada na comunidade), já que para Holanda esse tipo é descrito como: “aquele que enxerga primeiro as dificuldades a vencer, não o triunfo a alcançar” (idem, p. 44). O “trabalhador”, assim como o lavrador, dispense grande esforço no seu ofício, que costuma ser de maneira lenta e gradativa, como arar a terra, plantar e colher.

O mar é descrito com um personagem que assume vida, mediante os adjetivos que a ele é designado. Para os pescadores, ele pode estar “calmo”, “violento”, “bravo” e “forte”. Imersos na lógica desse sistema sociocultural, a relação dos pescadores com o mar é mediada pela necessidade, a profissão é o ofício, que seus pais lhe ensinaram, muitos deles dizem: “essa é a vida que a gente vive”.

16 Utilizo o conceito dos tipos ideais adotado por Holanda (1995) para descrever uma análise comparativa entre o pescador como “aventureiro” em oposição ao lavrador enquanto “trabalhador”. Enquanto recurso metodológico tomamos esses conceitos, mas lembrando que isso é um recurso metodológico utilizado por Holanda (idem) como ferramentas analíticas, sabendo que empiricamente não é possível encontrar tipos puros.

17 Interpretamos o tipo “aventureiro” não como um “vagabundo” ou “irresponsável”, mas como um tipo de atividade, neste caso em específico comparamos o ofício do pescador ao do aventureiro dado o contexto representativos destes para com uma atividade segundo eles como repleta de “incertezas”, para com a sua profissão.

Partindo, então, da perspectiva antropológica, entendemos o domínio do saber do campo pesqueiro e de construção naval no sentido de objeto cultural, expressões culturais como ecos de uma produção da própria cultura na qual esses sujeitos estão inseridos, o que nos leva a supor que tanto a representação do pescador e das embarcações constituem signos identitários dentro desse sistema, produzindo um valor simbólico atrelado ao universo do trabalho que está além do valor meramente utilitário.

Neste sentido, recorremos a Lévi-Strauss (1976) em *O Pensamento Selvagem*, quando aborda, de maneira enfática, sobre o perigo das leituras utilitaristas, que enfatizam apenas o caráter de um meio para se chegar a um fim. O sentido da “utilidade”, que demandam os conhecimentos sobre o mar, as embarcações e a natureza propiciam a existência de sociedades como a de Canárias a perceber os objetos culturais não por serem úteis, mas pela utilidade precedendo o conhecer. Diante disso, concluímos que a ciência do concreto é então um conhecimento posto em prática pelos membros de um grupo, que transferem aos objetos sociais o valor agregado dos saberes construídos ao longo do tempo.

4.3. O pescador-lavrador: agricultura e pesca em Canárias

O habitante da Ilha das Canárias ao longo dos anos conviveu com a ambiguidade em viver parte de sua trajetória cotidiana no rio Parnaíba e no mar e como pescador e em terra, principalmente, como agricultor, na plantação do arroz e da extração de outros produtos da região. Nas falas dos moradores percebemos a complementariedade do ofício de agricultor e de pescador, devido à sazonalidade das culturas do arroz e dos períodos de fartura de peixe.

Na comunidade, constatamos que os núcleos familiares participavam de todo o processo de trabalho nas roças. Já na pesca de mar, a atividade é predominantemente exercida por homens. A maioria da comunidade compartilhava pesca e agricultura. A dificuldade de ter o básico era o motor propulsor dessa hibridez. Conforme o depoimento de um pescador:

Foi porque primeiramente quando eu comecei minha vida eu comecei a trabalhar de roça. Eu fui trabalhador de roça, plantando arroz para colher. Aí depois eu esqueci a roça e virei para pescaria e aí quando eu virei para pescaria que eu terminei de sustentar minha família. Roça era mais complicado, pois os invernos são fracos né!

Amanda: naquele tempo tinha mais peixe?

Nascimento: tinha mais peixe e mais água no rio, os invernos melhores. Tá com muito tempo que nós não temos um inverno bom. Porque todos os anos era difícil um que não dava um inverno bom enchente (Sr. Nascimento-pescador aposentado, 70 anos).

O trabalho com a roça demandava muita força e tempo de espera até a colheita. Além disso, na safra, o valor do produto caía consideravelmente dada a grande oferta de arroz na região. Para alguns moradores da Ilha, inicialmente a cultura da roça era a principal atividade e fonte de renda na qual os pais inseriam seus filhos ainda crianças nas idas à roça. Contudo, a pesca trazia um enorme atrativo para os jovens. Nesse contexto, a pesca do camurupim e da pescada amarela e peixes de alto valor comercial, atraiu muitos agricultores jovens, que migraram para a atividade da pesca.

Na fala de outro pescador, notamos que a partir de meados ao final do século XX, a lavoura do arroz perdeu força mediante ao aumento exponencial da pesca no mar:

Porque, antes de casar, eu trabalhava de roça né. Aí quando eu casei, eu continuei trabalhando de roça e pescando. Mais aí na pescaria às vezes era uma maré boa de pescaria e era também boa de trabalhar na roça aí tinha que fazer ou uma ou a outra. Aí foi que eu decidi ou eu pesco ou trabalho de roça. E aí eu fui prestar atenção e o trabalho de roça. Vamos dizer que eu ia trabalhar seis meses sem futuro nenhum, sem ganho nenhum ia só gastar. Daqui seis, oito meses que eu ia colher. Aí minhas condições não davam para isso, aí eu achei que na pesca, bem eu ia pesca e chegava e já entregava (o peixe) e recebia já o dinheiro e ficava mais fácil. E aí assim eu deixei o serviço de roça por isso, porque na pescaria apurava o dinheiro logo (Sr. Riba - pescador artesanal, 59 anos).

A migração da lavoura para pesca criou novas conexões e relações interpessoais. No trabalho na roça as unidades familiares se limitavam ao uso das suas terras, já na pescaria no mar esses trabalhadores precisaram de uma série de instrumentos de pesca que não tinham individualmente. A princípio trabalhavam nas canoas e nas redes de pesca de um parente para quem geralmente vendiam o peixe. Essa lógica da pesca diferenciava o pescador, do dono da embarcação, que também era proprietário dos instrumentos de pesca. Ser dono dos seus meios de produção significa, portanto, uma relativa autonomia em relação ao lucro da pesca, e a possibilidade de vender o peixe por atacado.

É um fato comum, por exemplo, em Canárias, que após uma pesca bem-sucedida, os pescadores destinem parte do peixe para a venda, a outra parte do peixe é distribuída entre os parentes, vizinhos, compadres e pessoas mais próximas, reafirmando, assim, os laços sociais com a partilha de peixe. Geralmente, o peixe distribuído tem uma série de requisitos e é apontado como de qualidade, muitas das vezes superior ao vendido, sendo um peixe “gordo” e, portanto, de sabor diferenciado, podendo ser até mesmo uma espécie rara de peixe. Enquanto gesto simbólico, consideramos que esse fenômeno retrata uma relação de “dádiva”, já que o pescado “gordo” implica uma distinção de *status* por parte daqueles que o recebem.

Em outras ocasiões, essa partilha pode acontecer que peixes considerados difíceis de conseguir, às vezes por exigir temporada, sazonalidade, como o “camurupim”, por exemplo, também conhecido como “robalo”. Esse peixe ao ser apanhado tem partes que são comercializadas, mas é comum que o pescador recolha, partes desse peixe, os pedaços considerados excelentes em sabor e fique com ele, mas que também distribua entre os seus “chegados”, como um símbolo de prestígio e *status* aos que recebem. Essa atitude mantém na consciência coletiva e individual dos que estão inseridos nesse laço de reciprocidade, a noção de coesão social dos laços de parentesco, amizade e parceria.

Com o crescente aumento da pesca em detrimento da agricultura ocorreu a criação da Associação de Pescadores da Ilha das Canárias (APECIC) e da Associação de Moradores da Ilha das Canárias (AMIC), e filiação às Colônias de Pesca de Araiões e Ilha Grande, esta última mais próxima da Ilha. Essas instituições além dos benefícios do seguro defeso e da seguridade, os pescadores são inscritos no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), para que, posteriormente tenham direito ao benefício da aposentadoria, são fatores que podem ter contribuído para uma autoafirmação atrelada à profissão da pesca, legitimada pela carteira de pesca e pelos mecanismos legais asseguram ao pescador uma identificação com sua profissão¹⁸.

18 De acordo com o portal da transparência, o total de pagamentos realizados pelo Governo Federal em âmbito nacional ao Pescador Artesanal foi de R\$ 12.695.338.456,86. Desses foram destinados ao Estado do Maranhão R\$ 2.169.194.143,37 e afunilando para o município de Araiões foram pagos R\$38.537.380,45, em benefícios de seguro defeso aos pescadores, cada pescador recebe o que corresponde a quatro salários mínimos durante o período de desova do peixe.

5. “HOMENS” E “MENINOS”: UMA PERSPECTIVA COMPARADA DE GERAÇÕES NA PESCA E NA CONSTRUÇÃO NAVAL NA COMUNIDADE DE CANÁRIAS - MA.

Os dados empíricos trabalhados neste capítulo tomam dois indicadores pelos quais podemos analisar os mecanismos de reprodução social e modificações nas práticas sociais ligadas ao contexto das gerações, os fenômenos sociais escolhidos foram: a pesca e da construção naval. Nosso objetivo foi analisar os mecanismos de permanência e mudança presentes na atividade pesqueira e na construção de embarcações navais. Para dar conta desse cenário, nos debruçamos, especificamente, sobre as representações coexistentes nessas modalidades de trabalho e suas práticas, identificando os pontos de *hibridação* cultural na perspectiva de Canclini (2015) entre os traços “tradicionais” e “modernos” no cotidiano da comunidade de Canárias.

Observamos que, inserida no contexto de *comunidade tradicional*, a atividade da pesca e da construção naval nos possibilitaram lançar um olhar sobre os mecanismos de transmissão, continuidade e de rupturas dentro desse recorte local, no qual se praticam a pesca em água doce, no rio, e em água salgada, no mar.

Além de constituir a principal fonte de renda de Canárias, a pesca também é entendida localmente como uma tradição. Para Durkheim (2007), a associação de indivíduos, nesse caso para exercer uma atividade trabalhista como a pesca e a construção naval ocorre mediante finalidades específicas o que, portanto, descartaria um mero agregado de indivíduos. Esses objetivos em comum são pontos que atendem a diversas motivações individuais, entretanto ocorrem por meio de práticas coletivas que atravessam diferentes gerações e contextos históricos, políticos, econômicos e sociais.

A construção naval aliada à pesca tem demonstrado ser um mecanismo fundamental para a continuidade da atividade pesqueira, bem como um produto da cultura que é materializado, mas também é entendido como um legado simbólico de práticas socioculturais, que permitem o mecanismo de ligação da comunidade atual com o seu passado.

Na comunidade, percebemos que mesclada a figura do pescador, as embarcações na comunidade denominadas de “canoas” são a outra face de uma moeda, por exemplo, que ao passo em que a imagem desse indivíduo pescador, também formam um conjunto com esse personagem. Entendemos o pescador e o construtor naval a partir de uma perspectiva de sujeitos de acordo com Hall (2011), ou seja, historicamente datados e socialmente construídos, inseridos

em um sistema cultural que não é estático (GEERTZ, 1989); e que na contemporaneidade assumem diferentes performances dada a conjuntura social (PAIS, 2006).

5.1. Analisando quatro gerações na pesca artesanal

Analisamos quatro grupos geracionais de pescadores artesanais da comunidade de Canárias. Diante do processo cíclico e reprodutivo da própria cultura da pesca e sua expressão tanto simbólica como material adotamos o conceito de *gerações* a partir da proposta de Motta e Weller (2010) quando definem que:

A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica, enfocando aspectos relativos às teorias sobre gerações assim como pesquisas sobre as posições geracionais dos sujeitos, com ênfase nas pesquisas sobre a família, o envelhecimento e a juventude (p.179).

O primeiro recorte geracional que delimitamos para a presente análise separamos as faixas etárias a primeira, de um indivíduo com idade de dezoito anos, na segunda geração analisamos um indivíduo com a trinta e sete anos; na terceira geração o indivíduo tinha cinquenta e nove anos e a quarta geração é representada com um indivíduo de setenta anos. Todos os entrevistados moram na comunidade desde que nasceram e aprenderam a prática da pesca no interior do núcleo familiar e praticam a pesca tanto em rio e as três primeiras gerações praticam também a pesca no mar, na costa.

Em Canárias, a pesca é a base da sobrevivência de grande parcela dos moradores, é um produto social singular, praticado por determinados sujeitos, inseridos em um contexto ecológico, social e cultural específicos. Sendo assim, mesmo que os instrumentos de pesca sejam parecidos, as formas de apropriação cultural dos elementos relativos ao trabalho são agregadas de maneira que os modos de fazer, ligados ao aspecto imaterial da cultura são inseridos e reproduzidos em cada segmento de pesca e de grupos de pescadores.

Nesse sentido, as motivações que norteiam essas associações de homens para a pesca são modificadas, dependendo do contexto de cada comunidade. Entendemos pesca, a partir de Soares (2009), enquanto modalidade artesanal:

A pesca artesanal ou de pequena escala é realizada com objetivo exclusivamente comercial ou com dupla finalidade, comercial e de subsistência. Caracterizasse como uma alternativa sazonal de trabalho, podendo o trabalhador atuar, por exemplo, ora como agricultor, ora como pescador (SOARES et al *apud* Dias Neto e Dornelles, 2009, 161).

A atividade pesqueira em Canárias, atualmente, assumiu o principal meio de subsistência das famílias da comunidade, a pesca também, como na citação, é fonte de renda de grande parte das famílias que habitam a Ilha. Por ser praticada em pequena escala e de maneira artesanal, as canoas e a formação da “turma” ainda ocorrem mediante os laços de parceria e de parentesco. Nesse sentido, existe uma arte de fazer e de saber, que é construída no cotidiano desses pescadores, que precisam aprender a lidar com os ventos, as tempestades e como os ciclos dos peixes e das marés. Diante disso Soares (2009) constata que:

A complexidade e sua característica inerente, dada a diversidade de petrechos empregados na captura de pescados de estoques multiespecíficos, a dispersão dos pontos de desembarque e a participação em diversas cadeias produtivas. Nesse contexto, a sabedoria tradicional sobre o mar e sobre a pesca é essencial na arte de captura dos organismos e na exploração do ecossistema marinho (SOARES et al, 2009, p. 161).

A diversidade nos tipos de pesca produziu um vasto acervo material, que representa a pluralidade dos saberes no lidar com essa múltipla expressividade. Em canárias, os pescadores possuem um vasto saber, tanto na confecção dos petrechos de pesca, como no manejo e temporada de cada grupo de pescados. Na captura de cada espécie existe um tipo de armadilha, de reprodução desses saberes; percebemos que a tradição ainda está presente no cotidiano da pesca, nas redes de relacionamento e nas “parcerias” que muitas vezes extrapolam o campo pesqueiro. Os relatos sobre a história local da comunidade e o seu povoamento remetem a atividade pesqueira.

Diante do conceito de geracional proposto por Motta e Weller (2010) entendemos que como uma atividade reproduzida dentro de núcleos familiares, a pesca envolve um saber adquirido através da ancestralidade, da oralidade e da experiência empírica, notamos que dada a pluralidade de formas de pesca praticadas nesse povoado, os pescadores atribuem diferentes *status* para cada modalidade que praticam. Consideram que o “pescador profissional” é aquele que pratica a pesca no mar. Seja ela na “quebração” das ondas, situada mais à margem da costa, seja “lá fora” categoria nativa de alto mar.

Também notamos que existe uma simbologia de classificação presente nas próprias categorias de pesca. Ao passo em que tipificam os tipos de atividade pesqueira, incluem ou excluem os “homens” como praticantes de pesca de “rio” e/ou “mar”. Existe ainda uma classificação quanto ao tipo de peixe que pescam, o *status* de um pescador de camurupim (peixe do mar) não é o mesmo de um pescador de bagre (peixe de rio).



Figura 5. Pescadores com o “camurupim” logo após desembarcarem da pesca em Canárias.



Figura 6. Balança de madeira com peso em pedras

Dentre os pescadores que entrevistamos identificamos que o elemento “sorte” é representado através da categoria nativa “futuro”, que na fala dos nossos interlocutores representa a incerteza de sair de casa sem saber se voltarão vivos, se chegarão no tempo estipulado pela pesca, se conseguirão capturar algum peixe nas redes. Nesse sentido, atribuímos à categoria “futuro¹⁹” a dimensão da incerteza que os pescadores têm ao lidar com a natureza.

Os pescadores são classificados a partir da pesca de rio, que aparece nas falas dos mesmos como uma alternativa, à pesca do mar; a primeira tem se tornado uma alternativa de fonte de renda, já que tem sido cada vez mais difícil ou improdutiva a pesca do mar. Isso porque o *camurupim* e a *pescada* se tornaram cada vez mais escassos na costa.

Percebemos, também, que o núcleo familiar é o grande reprodutor do *campo*²⁰ pesqueiro. Mesmo que na contemporaneidade alguns tipos de pescas sejam praticados por um

19 A categoria nativa “futuro ” a ideia de fortuna utilizada por Maquiavel (1979), ou seja, força à qual se atribui o poder de influir no êxito ou no insucesso de alguém ou algo; acaso; destino

20 Para Bourdieu (1996), os campos são espaços de disputas, compreendemos que o campo pesqueiro é um dos espaços sociais que possibilitam distinções na comunidade, dependendo da posição social na qual os indivíduos estão inseridos, nesse sentido esse campo também possui um *habitus*.

indivíduo, como a pesca de linha, isso dado a abertura de motores propulsores, substituindo o uso da vela, reduzindo assim a tripulação necessária para as pescarias. A pesca ainda tem uma tripulação mínima de dois tripulantes. E ainda é dentro dos núcleos familiares que ocorre em grande parte a reprodução do saber relativo à pesca. Essa troca ocorre principalmente de pai para filho, segmentando, assim, uma atividade predominantemente ligada ao universo masculino.

O *modus operandi* referente ao “sair para pesca” foi sendo modificado ao longo dos anos. Notamos a partir das falas desses pescadores que a “turma”, categoria que define a composição da tripulação das embarcações passou de quatro indivíduos para até dois, no máximo. Sendo que o mais recorrente é ter apenas um indivíduo por embarcação, nos referimos especificamente às “canoas”. Essa formação é bem mais frequente principalmente na pesca de rio, que utiliza a linha como modalidade pesqueira.

Já a tripulação para a pesca no mar ainda é composta por uma complexidade de hierarquias e divisão de funções. Mesmo em sociedades onde há pouca divisão social do trabalho, delegar atividades específicas a determinados membros do grupo torna-se indispensável segundo os pescadores da região. Mesmo que toda a tripulação compartilhe os mesmos saberes, cada um precisa realizar uma função específica. Segundo Roni, a composição da tripulação para a pesca no mar é composta por:

Mestre, que é o popeiro; o fincapezeiro, que é o contramestre, tem o meeiro e tem o proeiro. Essa tripulação de quatro é só pro mar. Aí tem que ter essa divisão de tarefas que é para que cada um possa ter seu serviço. O popeiro é responsável por guiar, levar e governar a canoa. O proeiro se for pescar de linha ele é o responsável por fazer o lastro (corda que segura o peso da vela) e puxar o ferro (âncora). O meeiro, ele faz o segundo lastro atrás e o fincapezeiro geralmente, na pesca de linha ele é quem tira a água (da canoa) e ferra o camurupim ele tem que trabalhar o camurupim. Ele é o responsável por trabalhar para trazer, o camurupim até ele cansar, para trazer o peixe no meio da canoa. (Sr. Roni - pescador de mar e de rio, 37 anos)

Na fala transcrita acima podemos perceber que na pesca do mar, existe uma nítida divisão de funções dentro da embarcação. Cada membro da tripulação precisava saber antecipadamente qual sua tarefa dentro da canoa. Nesse sentido, a figura do “mestre” é fundamental, já que ele é o responsável por escolher a tripulação da embarcação, pelo material da pesca que muitas vezes é emprestado, por algum dono de canoa e de instrumentos de pesca. Quando os pescadores vão ao mar ou rio com um material que não é deles o lucro é dividido da seguinte forma de acordo com o senhor Riba (pescador de rio e de mar, 59 anos):

Eu sempre pesquei nas redes do compadre “P” e nas redes do papai é que assim, na minha mesmo, eu só vim pescar depois de muito tempo. Agora quase que pro final. Que foi, quando eu inventei de fazer a pescaria de rede na costa. Foi ai que eu pesquei com as minhas redes mesmo.

[...] O comprador era daqui mesmo que era pro próprio dono da canoa. Sempre, sempre aqui foi assim. O próprio dono da rede é que é o comprador do peixe. A gente vendia pra ele, pra ele atravessar pra outro.

[...] Minha fia era complicado. Porque, vamos dizer que a pescaria de rede, na época, o dono da rede dava o rancho né dava toda a despesa que precisava na pescaria e quando a gente chegava ai a partilha era meio a meio, né. Tirava a metade pro dono da rede, e ai então a outra metade é que era dividida pros quatro. Era meio... mas vamos dizer que a gente precisava. E num tinha outra saída tinha que arriscar (Sr. Riba - pescador de rio e de mar, 59 anos).

Nesse ponto, percebemos na fala desse pescador que existem redes de interações sociais e de relações de trabalho, que são construídas no cotidiano da pesca. Essas interações entre o dono dos instrumentos de pesca, e o pescador além de produzir no mecanismo simbólico certa interdependência, de um para com o outro, também produz entre os pescadores para com aquele uma gratidão. Ou seja, existe uma complexa relação de interações atrelada ao universo da pesca.

A “camaradagem” na pesca é um exemplo de signo do cotidiano do mar que é transposto e reproduzido na vida em terra. Signo esse que permeia a lógica da dádiva (MAUSS, 2003), um sistema de trocas no âmbito simbólico, que extrapola o sistema monetário econômico de grupos sociais no qual a moeda assume valor de uso e de troca. No âmbito da dádiva, os pescadores constantemente estão ajudando e sendo ajudados, por seus companheiros de pesca. Quando uma “turma” de pescadores de uma mesma embarcação volta da pesca e um conseguiu certa quantidade de peixe numa pescaria e seu companheiro de pesca não, é comum que o primeiro compartilhe metade do que pescou com seu parceiro de pesca, para que este tenha o que levar para sua família. Essa formação assemelha-se a uma irmandade, na qual o sentimento de pertencimento ao grupo é maior do que as diferenças individuais.

Esse sistema está naturalizado de tal maneira que constantemente eles estão estabelecendo trocas uns com os outros e construindo laços de amizade. Existe uma reciprocidade também entre o pescador e o sujeito que empresta os instrumentos de pesca, já que há cerca de quinze, vinte anos atrás não eram todos os pescadores que possuíam suas próprias redes, instrumentos de pesca e até mesmo uma embarcação como a canoa. Tais laços constroem hierarquias que diferenciam os que detêm os meios de pesca e os que utilizam esses

instrumentos para seu sustento e de sua família. Colocando dentro da estrutura social cada sujeito exercendo uma função dentro da estrutura social local.

Os meninos, adolescentes ou “culumins”, na categoria nativa designa, indivíduos do sexo masculino, em sua maioria são desde cedo introduzidos dentro dos sistemas de pesca acompanhando seus pais e familiares nas pescarias. É comum que na comunidade os homens mais velhos se reúnam perto de suas casas, debaixo de algumas árvores na beira do rio e fiquem conversando sobre suas “aventuras” e “desventuras” nas pescas, rindo das histórias de outros pescadores enquanto remendando suas redes. E como a principal fonte de renda da comunidade continua sendo a pesca os pais tratam de ensinar desde cedo seus filhos essa atividade.

A educação formal através da escola na região tem sido uma “alternativa” para alguns pais que não querem que seus filhos reproduzam a “vida de pescador”, esse modo de viver é geralmente classificado como “sofrido”. A pesca, como atividade sazonal impõem fatores que dependem da sorte tais como as boas marés. Nos dias considerados bons se consegue peixe para consumo próprio e para venda, já em contrapartida em dias ruins “só aparecem os ciscos e as algas nas redes”, segundo os pescadores.

Em meio a isso é comum que alguns jovens da comunidade saiam de Canárias e tentem a vida nos centros urbanos à procura de melhores condições de vida. O êxodo ainda é bem comum nesta comunidade. É recorrente jovens saírem da comunidade com destino a casa de parentes que já se estabilizaram nas capitais, devido à ausência de oportunidades de emprego na própria comunidade. E após terem construído suas vidas nas metrópoles, com o passar dos anos ao se aposentarem voltam à comunidade em busca de “paz e tranquilidade”.

Os jovens que residem nas Canárias estudam até o ensino médio que é ofertado no turno da noite improvisado na estrutura da escola municipal, que funciona durante o dia. Alguns fazem cursos em Parnaíba-PI, nos últimos cinco anos tem crescido a possibilidade de estudarem graduação em universidades das públicas e privadas fora da comunidade. Por vezes, acontece de alguns desses jovens abandonem a vida escola para se dedicar apenas a pesca, devido a rapidez de retorno financeiro. Isso talvez contribua para a baixa escolaridade de alguns pescadores.

Para aqueles jovens que procuram ganhar dinheiro a pesca é uma alternativa mais rápida quando comparado com a quantidade de tempo necessário para se capacitar para exercer outros serviços. Nas falas da maioria dos entrevistados a lida com a pesca passou de uma atividade

fundamentada em “ajudar” os pais, para a principal fonte de renda isto quando começaram a formar suas próprias famílias.

Observamos que “ajudar” aparece como uma categoria nativa que designa o trabalho daqueles estão sob a tutela dos pais. Nesse sentido, os jovens estão em uma hierarquia social bem próxima a das mulheres, estas também aparecem como “ajudantes” dos seus maridos dependendo do tipo de pesca. Na comunidade percebemos que mulheres não “trabalham”, elas “ajudam”. Por isso o campo do trabalho insurge como um elemento de distinção social e simbólica. A pesca foi sendo apropriada pelo universo masculino, nesse sentido a existência de um monopólio atrelada ao gênero e faixa etária reproduzem na estrutura dessa comunidade os símbolos de prestígio atrelados ao que é masculino.

A experiência do trabalho como mecanismo de gerência da própria vida e de uma autonomia em relação aos pais e a família de uma forma geral, se inicia quando esses “meninos” saem de suas casas para formarem sua própria família (BORGES; COUTINO, 2010). Nesse sentido, percebemos que a passagem da categoria “menino” para “homem de família” é mediada pela possibilidade de sair da casa dos pais e assumir uma família. Precisamos de antemão considerar esse indivíduo jovem como membro integrante de um contexto sociocultural mais amplo, desta forma para se pensar a juventude:

Cabe refletir sobre o real conteúdo das experiências juvenis, sobre o que elas informam, sem violar seu caráter individual ou coletivo, suas especificidades de gênero, de geração, de pertencimento étnico/racial, seus lugares ou não lugares em meio a um universo que torna cada vez mais difícil definir o que é real e o que é virtual, o que caracteriza um estilo ou modo de vida local e o que passou a ser incorporado a partir de outras interseções (BORGES; COUTINHO, 2010, p. 183).

A experiência de vivenciar a juventude em Canárias se difere de outros contextos rurais já que esses sujeitos estão inseridos dentro de uma Comunidade Tradicional de Pescadores. E ainda existem as diferenciações ao longo dos variados contextos históricos sociais e culturais, nos quais diferentes gerações foram socializadas.

Podemos notar com Pais (2006), por exemplo, que um traço da juventude é o que ele denomina como aspecto performático, ou seja, um traço constante que permeia o imaginário daquilo que se denomina como “jovem”, e assim adquire para si características de diferenciação para com a estrutura dos “homens”, dos adultos, dos detentores do monopólio financeiro, caracterizados como estabelecidos. As gerações nesse sentido possibilitam observar através de diferentes lentes as práticas e experiências de diferentes contextos sociais e recortes históricos

a atividade da pesca e da construção naval e em certo sentido das intenções de adentrar o mercado de trabalho e consequentemente o mundo dos homens, dos adultos.

Quando perguntamos a esses pescadores o motivo pelo qual praticavam essa atividade, notamos em suas falas que há alguns anos na comunidade havia dois tipos de fonte de renda isso há cerca de quarenta cinquenta anos atrás; a roça e a pesca de rio ou de mar. Como o trabalho com roça é mais demorado para se obter lucro houve um imenso reajuste nas formas de trabalho na comunidade o setor pesqueiro era restrito já que nem todos possuíam uma embarcação. Com a ampliação do mercado da pesca e das colônias e dos benefícios para os pescadores houve uma guinada na população pesqueira, em relação aos que cuidavam das roças.

Indagados sobre as transformações nas práticas de pesca ao longo dos últimos quarenta anos os pescadores relataram que as modificações nos setores de pesca ainda ocorrem gradativamente, mas isso não descarta que o cotidiano dessas populações tem sido modificado pela interferência de fatores externos. Na fala do senhor Roni (pescador de mar e de rio, 37 anos) nos relatou que:

Olha a única diferença que eu vejo assim. Hoje em dia pouco se tem pescando no mar. Pelo menos a pescaria de camurupim. Hoje em dia a pescaria nem se compara com a pescaria de antigamente. Porque só aparece pescador quando aparece camurupim. Antigamente a pesca no mar era de inverno a verão. Era de segunda a sábado o pessoal pescando, seja na maré de enchente ou de vazante. Eles (os pescadores) iam não tinha um outro meio de ganhar dinheiro. Então eles tinham que ir. E mesmo assim tinha mais peixe por essa região. As vezes não se pegasse nada. Mais tinha vezes que pegávamos oito, nove peixes. Hoje em dia dificilmente você pega dois. Aí assim tem essa diferença, também (Senhor Roni - pescador de mar e de rio, 37 anos).

Na fala desse pescador percebemos que a dinâmica da pesca na comunidade tem se alterado ao longo dessas gerações na pesca. Observamos nas entrevistas acima que os indivíduos da geração de senhor Riba deixaram a lavoura para a pesca no mar. Na geração do filho dele o senhor Roni, observamos que ele ainda vivenciou o apogeu da pesca no mar. Entretanto devido à escassez de peixes como a pescada e o camurupim, dentre outros os pescadores tem compartilhado tanto a pesca de rio, como dependendo da estação e temporada de peixe, compartilhando assim o ambiente fluvial e marítimo.

5.2. A questão da construção naval na comunidade

A construção naval na comunidade de Canárias ainda está presente nas sinuosas embarcações que dão significado e manutenção à função do pescador. Entendemos as embarcações como a fachada na qual esses sujeitos sociais interagem uns com os outros, portanto nesse sentido tona-se indispensável discorrer sobre os elementos que compõe o cenário no qual o personagem pescador está imerso (GOFFMAN, 1975).

Nas entrevistas que realizamos notamos que ao contrário da pesca enquanto meio de sobrevivência, a maioria dos construtores navais se considera *carpinteiro*, pessoas que dominam do *métier* necessário para lidar com a madeira e transformá-la em embarcações.

Constatamos que atualmente na comunidade ainda existem quatro construtores de embarcações, destes três são de uma mesma família. Diferente de como ocorre na pesca, na construção de embarcações não existe atualmente nenhuma parcela da juventude que demonstre interesse pela profissão. Até mesmo os filhos dos construtores navais têm optado pela pesca.

Assim como na atividade pesqueira a maioria dos construtores navais aprendeu essa profissão com pessoas do núcleo familiar. Uma constante nas falas dos construtores foi a “curiosidade” de saber como se faz uma embarcação. A partir de então começaram a observar os outros mestres da comunidade. O ofício de construtor naval na comunidade de Canárias aparece na fala dos interlocutores como um saber “autodidata”. Entretanto percebemos que de forma análoga aos núcleos de reprodução do setor pesqueiro, os construtores navais também estavam inseridos em um contexto histórico, social e cultural, fator esse que propiciou a continuidade desse saber através desses sujeitos. Nos anos iniciais da fase de aprendizagem, os construtores relatam que começaram fazendo “pequenos consertos”, em suas próprias canoas. Até que com o aprimoramento da técnica construíram uma primeira embarcação, geralmente custeadas por eles mesmos. Isso pelo fato de que, nessa fase inicial por não possuírem prestígio social, nenhum pescador os contratava para fabricar canoas. Depois de construírem sua própria embarcação, testemunha do saber que aprimoraram outros pescadores da comunidade começaram a requisitá-los para pequenos consertos até passarem a produzir embarcações de médio e grande porte tanto para a comunidade como para as redondezas.

Constatamos que três, de quatro construtores navais em atividade, possuem laços consanguíneos. Dois deles são irmãos, um terceiro é primo de primeiro grau desses dois últimos, e o quarto não possui laços estreitos de parentesco, mas de forma predominante existe uma estrutura de parentesco que interliga os construtores uma linhagem. Um fato interessante

é que embora na comunidade a profissão tenha alta demanda, a procura por parte de um grupo jovem para perpetuar a profissão não tem chegado a esse público juvenil.

Verificamos que em Canárias os estaleiros são inexistentes. Para construir as embarcações os construtores escolhem algum local bem sombreado na beira do rio ou no cercado, do dono da embarcação e começam a construir. A madeira é comprada em Parnaíba-PI, e com inserção da energia elétrica a utilização de ferramentas como a serra circular, a furadeira, a plaina proporcionam ao construtor agilizar o tempo médio de finalizar uma canoa. O tempo médio em uma produção totalmente artesanal sem uso de qualquer aparato elétrico demorava em média um mês para uma embarcação de seis metros, atualmente esse tempo fica em torno de quatorze, quinze dias no máximo, de acordo com os construtores.

Vale ressaltar que como o saber cultural de comunidades tradicionais é transmitido oralmente da mesma maneira acontece com a construção naval. Não existem esquemas e planos de construção, todo o conhecimento “está na cabeça”, como eles dizem. Quem deseja possuir uma canoa diz apenas as dimensões como comprimento por exemplo. Os cálculos de quantidade de madeira e o custo para cada embarcação irão depender de cada embarcação.

As canoas da comunidade recebem a nomenclatura de *canoa de alvoro*. O alvoro é uma peça de madeira colocada por cima das falcas²¹ da embarcação próxima a proa da canoa, essa peça é uma particularidade das embarcações da região.

De acordo com os construtores, os pescadores gostam desse modelo porque com ele a canoa fica com a proa mais eriçada, o que facilita a entrada no mar sem riscos maiores de que a embarcação seja alagada. Esse elemento da embarcação foi sendo incorporado ao cotidiano local, mas nem sempre existiu. Constatamos que de forma análoga ao setor pesqueiro a construção naval também tem passado por profundas transformações o setor pesqueiro também tem ocorridas muitas modificações no dia a dia dessa comunidade. Quando perguntamos para os pescadores como eles percebiam a chegada das rabetas (propulsão a motor e movidos a combustível que funcionam com hélice para o deslocamento de embarcações), e se eles notaram se ela alterou a dinâmica local de alguma maneira. Observamos em suas falas que a chegada das rabetas (ver fig. 7) mudou a organização estrutural da própria tripulação tanto do “rio” como do “mar”. Possibilitando dessa forma novas conjunturas para a pesca, anteriormente uma

21 As falcas são duas peças de madeira fixadas próximo as laterais dos espelhos da proa da canoa. Elas ajudam a elevar a parte frontal da embarcação impedindo que em altas ondas a embarcação alaguem com mais facilidade.

atividade praticada por quatro pessoas, no mar, pode atualmente estar reduzida a dois indivíduos no mar. Já no rio esse número cai expressivamente podendo chegar a uma pessoa por canoa dependendo do tipo de pesca.

A respeito da chegada das rabetas na comunidade de Canárias o Sr. Roni (pescador de rio e de mar, 37 anos) ressalta:

Olha a chegada da rabeta mudou um bocado de coisa. No meu ver assim ajudou a população no aspecto da facilidade. Porque hoje você pode ir sozinho para uma pescaria, pode ir contra a maré, contra o vento e o que for. Não se depende da maré você vai sozinho. Eu por exemplo, qualquer hora eu saio daqui seja na maré de enchente ou de vazante. Antigamente eu não podia fazer isso porque para sair num quadrado²² pequeno dependia muito, de vento de maré e de tripulação. Mais também vem a dificuldade porque com as rabetas a perseguição²³ ficou maior. Porque se você saía e aguentava lá por fora (em alto mar) para dar um lance de enchente quando a maré enchia você dava um lance com a rede assim tira colo, pegava a rede e vinha embora. Você não podia mais voltar. Hoje em dia não você pesca lá até preamar²⁴. A maré enche, enche até começar a vazar e eles ainda tão lá. Porque despesca a rede e desce; quando chega ali embaixo pega a rabeta sobe, aí vem de novo. Isso mudou bastante. Sem dizer que, *os caboco* dos Tatus também não saem mais daqui. Antigamente só quem fazia barraco (de pesca) aqui era o Joãozão. Um tal de João Moita Verde hoje em dia é duas barracas dessa um desse lado um desse aqui. Está acabando com os peixes, porque você passa e não vê uma sauna pular hoje em dia. Porquê? Pela perseguição ser maior. *Os cabra* estão direto aqui porque não depende mais só de maré, dois *caboco* vem em qualquer canoinha e vão *simbora* (Senhor Roni – pescador de rio e mar, 37 anos).

22 “Quadrado” é a categoria nativa para designar um tipo de vela que foi adaptado para o formato quadrado na comunidade.

23 A perseguição que o entrevistado relata é devido ao crescimento do número de pescadores que não depende mais das condições da natureza para saírem para pescar. Ou seja, todos se dispõem a pescar em diferentes horários. Além de ser recorrente a disputa pelo território pesqueiro com pescadores de comunidades vizinhas, o que acaba gerando intrigas entre os pescadores.

24 Maré cheia.



Figura 7. Canoa com “rabeta”, motor de popa.

Diante dessa fala notamos que além de diferenças temporais as formas de sociabilidades diante da modernização do setor pesqueiro de produção artesanal têm sofrido diversas modificações. Principalmente na concorrência relativa a individualização da pesca. Com embarcações motorizadas o número de pescador por canoa diminui, entretanto, a concorrência aumenta, pois, são mais canoas concorrendo os nichos pesqueiros. Enquanto legado da geração anterior a atual geração mantém ainda certas práticas e outras são ressignificadas dependendo do contexto histórico e social no qual essas gerações estão inseridas.

Observamos que para além de um instrumento para a pesca, as embarcações nessa região do Delta, constituem um legado cultural exposto a céu aberto na beira do rio de Canárias. Embarcações como as “canoas” expressam através de bens culturais história, memória e reforçam uma identidade cultural atrelada ao rio, ao mar. Por meio da personificação tanto de “canoas”, de instrumentos como: as redes de pesca, as velas. Temos nessas construções uma expressão cultural ligada ao cotidiano desse povoado de pescadores. Nesse sentido, esses bens materiais são também bens simbólicos que na contemporaneidade assumem características “modernas”, mas que expressam a identidade de um grupo.

As voadeiras por exemplo, para a pesca não é um instrumento viável para os pescadores do mar, dado o alto custo de compra e manutenção. Mas para o transporte de passageiros entre Canárias-MA e o Porto dos Tatus-PI através do rio. De início gerou certo estranhamento nos moradores, trocar as “chalanas” pelas “voadeiras”. Mas dado o valor acessível de R\$ 5,00 e o tempo que reduziu de 40min para cerca de 10-15min por viagem (dependendo das condições

de navegabilidade do rio) foram fatores que conduziram a população a modificar o tipo de transporte fluvial.

Entretanto ainda é uma embarcação que permanece na estrutura de significado, esse signo apenas foi ressignificados pela forma que assume. Talvez esse fenômeno de modificação nas formas de navegação seja reflexo do processo de modernização integrador reforçado pela globalização. A respeito da temática patrimonial na modernidade Canclini (2015) constata que:

[...] o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade ele constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social. Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos [...] A perenidade desses bens leva a imaginar que seu valor é inquestionável e torna-os fontes do consenso coletivo, para além das divisões entre classes, etnias e grupos que cindem a sociedade e diferenciam os modos de apropriar-se dos patrimônios (idem, p. 160).

Um exemplo de bem cultural e simbólico que faz parte do cotidiano da comunidade são as embarcações de pesca e transporte de passageiros. Podemos constatar *in loco* através das falas dos moradores da comunidade que as viagens para Parnaíba-PI, por exemplo, a partir de início do século XX, eram realizadas em pequenas canoas, já para o transporte de grandes cargas utilizava-se o batelão. Por volta dos anos de 1970 o primeiro motor de centro segundo relatos dos moradores começou a fazer o transporte de passageiros. Alguns anos depois, já por volta dos anos 2000, as “chalanas” se tornaram as principais embarcações para o transporte de indivíduos e cargas. Em 2012 com a difusão das “voadeiras” percebemos que existe uma perpetuação um elo entre o passado e o contemporâneo.

Ao traçar uma linha histórica de eventos que influenciaram e interferiram na dinâmica de construção de canoas, observamos que há mais ou menos trinta, quarenta por volta dos anos de 1960-70 a quantidade de embarcações era reduzida quando comparada aos dias atuais. O que influenciava, por exemplo, que a tripulação para as pescarias da região tivesse um número maior de pessoas por canoa para a pesca. A partir dos anos 2000-02 com a ampliação do benefício do seguro defeso e iniciativas do Governo Federal com benefícios para comunidades pesqueiras, e a possibilidade de empréstimos bancários para o setor da pesca, puderam investir em suas embarcações.

Um divisor de águas no setor de construção naval foi sem dúvida a inserção da energia elétrica na comunidade de Canárias no ano de 2005, através do Programa Luz para todos do Governo Federal. Antes desse período os construtores levavam de cerca de um mês para construir uma canoa, de porte médio a grande com cerca de 6,0 m. Com a chegada da energia esse prazo foi reduzido para cerca de quatorze, quinze dias. A inserção de materiais que não são produzidos na comunidade como a resina²⁵ e a massa pox²⁶, demonstram que a construção naval adotou a produção local elementos de fora, isso nos possibilita concluir que existe um conjunto de referenciais exteriores a essa comunidade e que nesse fluxo de trocas com a cidade o as práticas locais também se modificam.

A ausência de jovens na construção naval na Ilha das Canárias demonstra um indicador preocupante do elemento de continuidade desse saber. Todos os quatro entrevistados com idades entre os 45 a 57 afirmam com ar de preocupação a continuidade da prática nas camadas mais jovens. Segundo seu Chico (construtor naval e pescador, 51 anos) “não tem um jovem que queira se interessar pela ‘carpintaria’”, maneira pela qual os construtores se identificam quanto ao tipo de trabalho, isto pela lida com a madeira, para construir as embarcações. Ele afirma que embora tenha insistido para outros jovens da região e até mesmo para seus filhos, estes parecem segundo senhor Chico “não se interessar”. Embora o setor movimente a economia da comunidade a demanda para consertos e a construção a população mais jovem tem ficado à parte desse saber profissional tão característico da região.

Notamos que mediante à novas conjunturas sociais como: a energia elétrica, os transportes terrestres como os quadricíclos e aquáticos como as “voadeiras”, tem sido os pontos centrais dos anseios desse público juvenil. Podemos atribuir em parte, à noção de *status* por parte de quem possui um desses veículos de transporte. Observamos que os pilotos desses transportes são por vezes seus proprietários ou trabalham para o dono do veículo, em um sistema de parcerias, uma forma de associação na qual o lucro é dividido.

Diante das novas aspirações da juventude projetadas pela globalização notamos que a procura em aprender o ofício de construção naval parece não estar dentro dos anseios da

25 A resina é um produto sintético utilizado pelos construtores no acabamento da embarcação com a função impermeabilizante, substituindo o breu, produto impermeabilizante.

26 A massa póx é um produto utilizado nas embarcações para impermeabiliza-las. Ela vem substituindo o uso da resina, classificada pelos construtores como mais resistente que esta última.

juventude desta comunidade. A presença de outros meios de comunicação como a internet. Parecem projetar nesses jovens anseios e desejos de assumirem novos postos de trabalho.

A dinâmica na busca por uma profissão para a juventude nessa comunidade, em parte foi modificada. Primeiro por estarmos inseridos dentro da lógica do capitalismo, da “modernidade” como uma oposição ao modo de vida “tradicional”, de seus antepassados. Surgem então, na contemporaneidade novas expectativas; novas maneiras de vivenciar os espaços nos quais a “tradição” predomina. Notamos que embora em Canárias haja um conflito entre o modo de vida “tradicional” e as recentes aquisições do “moderno”, esses dois elementos pareçam estar imbricados. O que fica nítido é que a possibilidade de acesso a novos meios de comunicação criam aspirações nesses jovens, que por sua vez deixam de estar centrados na territorialidade da ilha.

Concluimos diante do que foi exposto que, se por um lado a pesca ainda reflete a identidade do morador de Canárias, que se percebe enquanto pescador artesanal e possui uma série de atributos legais, que o possibilitam se perceberem enquanto membros de uma estrutura social legitimada por instituições sociais como a Associação de Pescadores, as colônias de pesca e como consequência interligados ao Estado brasileiro. Em contrapartida percebemos que os construtores navais ainda não possuem sequer estaleiros em Canárias, e na maioria das vezes esses se identificam primeiramente como pescadores a construção de embarcações aparece apenas como um ganho extra. Além disso, não existe nenhum órgão ou sindicato que os represente nas mediações nem na própria comunidade. A inexistência dos estaleiros também aponta para uma profissão que ainda não possui os subsídios necessários a profissionalização dessa categoria, que ainda dispõe da pesca como elemento central do cotidiano dessa comunidade. Talvez esse distanciamento da juventude para com a construção de embarcações ocorra, em parte por alguns desses motivos que elencamos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na comunidade Canárias-MA, durante dois anos de observação, trouxe um aprendizado que pode ser expresso em uma citação do escritor José Saramago: “é preciso sair da Ilha para vê-la, não nos vemos se não saímos de nós”. Essa pequena frase expressa um pouco da trajetória de uma nativa, que se torna pesquisadora e que depois de pesquisadora volta a ser nativa.

Pesquisar minha comunidade durante a pesquisa de campo foi um em si um imenso desafio. Para Silva (2012) ao pesquisar: “[...] nossa própria sociedade requer autovigilância redobrada por parte do pesquisador” (p. 135). E embora esteja familiarizada com meus interlocutores, em si o exercício de interpretar o cotidiano de pescadores artesanais e de construtores navais, por diversas vezes me deslocou do meu lugar, enquanto nativa. Dado que o processo de socialização para mim ocorreu dentro de uma lógica atrelada ao universo do feminino, e das expectativas que essa comunidade espera de uma “mulher”. E adentrar o espaço do universo masculino nas suas representações sobre a pesca e a construção naval, me conduziu a conhecer um espaço totalmente distinto do meu, ou do que pensava sobre ele.

Procuramos apontar ao longo deste trabalho como ocorreram mudanças estruturais na comunidade de Canárias. Transformações estas que se desenrolaram desde a segunda metade do século XX e início do século XXI, sob o panorama da sociedade globalizada. E como esta conjuntura repercutem no cotidiano de uma ilha habitada predominantemente por uma Comunidade Tradicional de Pescadores Artesanais. Apesar de essas alterações terem ocorrido em inúmeros aspectos da vida de todos os dias, elegemos como indicadores a prática da pesca artesanal e da construção naval.

Constatamos que em um lapso de tempo relativamente curto, cerca de setenta anos diferentes gerações foram intensamente expostas aos efeitos da globalização. Nesse contexto, o “tradicional” e o “moderno” foram convivendo e se ressignificando em muitas das práticas culturais que marcam a vida dos habitantes desta comunidade. Como por exemplo o uso da canoa a vela e remos, que passou a utilizar motor, a rabeta.

Entender algumas as nuances no campo pesqueiro e de construção naval, no sentido de reprodução cultural, transmitida através da oralidade entre diferentes gerações de pescadores através do núcleo familiar, a partir de uma perspectiva sócio antropológica foi o principal objetivo desta monografia.

No capítulo introdutório a partir da análise da história da produção social do espaço destacamos que ao contrário de ser uma comunidade homogênea a Ilha das Canárias é marcada por espaços sociais de distinção. Categorias nativas como “lado de baixo”, “lado de cima” revelam uma divisão territorial e as disputas por *status*. O campo social, não diferente de outros campos também é um lugar de disputas como já demonstrava Bourdieu (1996) ao discutir a disputas dentro e fora dos *campus*. Desta forma, a aparente uniformidade que visitantes ocasionais e turistas podem ter da ilha cede lugar a heterogeneidade das representações que ordenam a vida cotidiana, na apropriação desses espaços naquela comunidade. Tal fato é alavancado pelo processo de globalização que tem alterado diferentes aspectos da vida local pois embora alguns moradores da comunidade estejam presos aos referenciais locais expresso pela adoção do “tradicional”, outros adotam, ressignificam e hibridizam outras referências identitárias.

Percebemos também que outros sujeitos se apropriam da supressão do tempo e do espaço alavancada pela adoção de tecnologias da informação, comunicação e de transportes. Repercutindo dessa maneira em diferentes discursos representativos sobre o que se constitui como “tradicional” e “moderno”.

Verificamos que em Canárias-MA, há uma ambivalência recorrente. A localização geográfica entre as fronteiras entre Piauí e Maranhão, é um exemplo. Possuir uma economia marcada pela prática da agricultura (hoje não mais praticada) e da pesca, sendo que neste último existe uma série de gradações, entre pesca de rio e pesca de mar. Bauman (1999) constata que na contemporaneidade: “ as distâncias já não importam, ao passo que a idéia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real” ” (1999. p. 19).

Um fragmento do cotidiano que podemos tomar como exemplificador para as transformações nessa comunidade ocorre quando analisamos os tipos de transportes fluviais. Nos anos 2000 por exemplo, há cerca de quase duas décadas, quando algum morador de Canárias, comprava o material para construir uma casa de alvenaria, os tijolos, cimento e a madeira eram transportados em embarcações como os “motores de centro”, trazidas do Porto dos Tatus-PI e descarregadas na beira do rio de Canárias-MA. Como não havia carroças, nem quadriciclos o transporte desses materiais pesados era feito nos ombros daqueles considerados “mais chegados”, grupo composto por parentes, amigos ou vizinhos próximos. Eles se reuniam e faziam o transporte das cargas até o local no qual a casa seria construída. Atualmente, essa prática coletiva cedeu lugar ao transporte por meio de veículos com tração animal ou

motorizados individualizando a prática de descarga de materiais. O transporte, o descarregamento e a construção da casa envolviam um número muito maior de pessoas que confraternizavam com peixe e bebidas no final da tarefa, fato esse que reforçava ainda mais os laços sociais. A adesão de novas tecnologia e meios de transporte tornou por um lado esse processo mais prático, em contraposição aos “tempos difíceis”. Contudo observamos um processo de individualização que cada vez mais modifica a dinâmica social local, tornando esse cenário cada vez menos evidente.

As novas ferramentas que a contemporaneidade tem disponibilizado alterações nas relações interpessoais já que as mudanças se tornam mais aceleradas e o tempo parece passar mais rapidamente. Esta mesma lógica tem repercutido também no campo da pesca e da construção naval com a adoção de implementos e insumos exógenos como as ferramentas elétricas para a construção naval, e a refrigeração do peixe atualmente congelado em freezers além da motorização das embarcações.

É possível percebermos que o “tempo do passado”, para os moradores de Canárias é subdividido em duas dimensões muito interessantes. O “passado” é lembrado como um tempo de dificuldades. No qual as condições de trabalho eram mais exaustivas, a lavoura de arroz demandava um esforço conjunto que envolvia todos os membros da família. O “tempo” retratado nas falas desses moradores traz à tona um tempo de rigidez nas regras, no qual os valores e normas dessa comunidade tinham legitimidade nas dimensões enraizadas na tradição, assim como no viés religioso.

A segunda dimensão que podemos perceber desse tempo nas memórias dos idosos, de hoje, crianças e jovens, daquela época. É que descrevem um cenário de total “tranquilidade”. As drogas e o medo da violência eram questões tratadas como coisas de fora ilha. Nestes discursos o passado é construído em um nítido contraste com os dias atuais. A contemporaneidade trouxe consigo a “desordem”, os pequenos furtos e o aumento da violência.

No quinto capítulo analisamos o período histórico em que as identidades nessa comunidade eram definidas a partir da figura do pescador e do agricultor. Contudo, nos últimos quarenta anos, a partir de 1970-80 percebemos que a pesca tem se tornado a principal fonte de renda dos moradores da comunidade. Observamos que a institucionalização da pesca, as secretarias de pesca, as associações, colônias e sindicatos contribuem para uma legitimidade da profissão de pescador. O benefício do seguro defeso, na temporada de desova do peixe e a carteira de pescador que possibilita pagar o INSS, com a garantia de aposentadoria também

reforçam a identificação com pesca seja ela de rio ou de mar. Constatamos que a identidade de pescador se tornou preponderante na região, em detrimento da atividade agrícola.

Diante do que foi exposto no quinto capítulo percebemos que na pesca existe o elemento reprodutor que permite a continuidade geracional. A juventude, delimitando um recorte de gênero, nesse caso o masculino interage, de maneira expressiva com os signos e códigos pesqueiros na comunidade. A rapidez com que ocorre o retorno financeiro atrelado à sobrevivência e a manutenção da casa são os principais motivos de praticar e se identificar como pescador.

Um dado interessante é que os moradores da comunidade compartilham os saberes e domínio das águas doce através do rio Parnaíba e de água salgada no Oceano Atlântico. O que altera perceptivelmente a identificação dos pescadores quanto ao tipo de pesca, tipo de peixe ou se são pescadores de rio, de mar ou de rio/de mar. A maré reflete essa dinâmica ficando na sua vazante doce e quando cheia salgada. Modificando o dia a dia da comunidade como nas horas de colocar as bombas no rio para capturar água, lavar roupa, ou banhar no rio. Dessa maneira a relação com o rio e sua temporalidade também influi no cotidiano não apenas dos pescadores, mas no dia a dia de toda a comunidade.

A introdução da propulsão motorizada que se tornou a pesca cada vez mais individualizada. Reduzindo o número de tripulantes necessários para a pesca no rio por exemplo. Mesmo havendo transportes de maior porte, que fazem o trajeto para a costa.

Na construção naval identificamos o risco deste conhecimento imaterial se perder por não estar conseguindo atrair jovens que continuem reproduzindo este saber que é predominantemente oral. Em sua maioria os construtores navais são também pescadores, que complementam sua renda com a produção de canoas. Uma alternativa de renda que tem o potencial de se transformar em uma profissão tão consolidada como a pesca. Entretanto existem lacunas temporais entre as gerações de construtores e os interesses atuais do público jovem não estão assentadas na construção naval. Existe, portanto, um risco de que a memória do saber fazer das embarcações características dessa comunidade se percam.

Diante das possibilidades de emprego que são polarizadas entre a pesca e por vezes no turismo. Houve a cerca de dois anos um aumento significativo na quantidade de quadriciclos na região. Que passou de um (propriedade do município para transporte de pessoas com necessidade de serem atendidas no posto de saúde da comunidade) para aproximadamente vinte e cinco, apenas em Canárias, uma de cinco comunidades integrantes da Ilha. Inserida na Rota

das Emoções e pelo constante fluxo de turistas no Porto dos Tatus-PI, até a praia próxima da comunidade, a existência de três pousadas atrai turistas o ano todo. Diante desse fluxo, o turismo tem sido um campo de atuação no qual os jovens tem optado. Seja através das voadeiras e dos quadricíclós são uma possibilidade de ganho tanto para o turismo como para o transporte de pessoas da comunidade.

Tanto na pesca na costa quanto na construção naval ainda são majoritariamente explorados pelo público masculino, a atuação do gênero feminino nesses espaços é quase nula. Assim como ocorre na pesca de rio e de mar também se distingue e polariza os gêneros. Seja na construção de hierarquias e categorias a elas é delegado na maioria das vezes o espaço doméstico muitas vezes como *lócus* de possível apropriação. Em contrapartida observamos que na profissão docente, e nas pousadas da comunidade a atuação feminina tem um número expressivo. Mas na pesca elas ainda são vistas como meras “ajudantes”, coadjuvantes e “invisibilizadas” na divisão de funções nas etapas de manejo do peixe. Na construção naval não existe sequer algum indício de que uma mulher exerceu ou exerça a profissão. Percebemos que existe uma dominação masculina na apropriação dos espaços de atuação, que legitima determinados espaços possíveis de atuação para “homens” e “mulheres”, é claro que esse processo se torna imperceptível tanto para eles como para elas.

Perante as reflexões elaboradas ao longo desta pesquisa monográfica notamos que em as representações sobre os espaços de atuação dos pescadores foi sendo modificado ao longo dos anos, a pesca de curral por exemplo não é mais praticada, ao passo em que a pesca no “mar” ou na “costa” esteve em crescimento. Observamos na contemporaneidade com a motorização das embarcações e o crescimento populacional da comunidade a pesca de rio e de mar complementam a renda da comunidade. Percebemos que a agricultura do arroz foi modificada pela pesca.

Com a predominância masculina nessas esferas de trabalho e conseqüentemente de renda nos perguntamos em que medida a apropriação desses espaços pode estar atrelada a estrutura social ainda arraigada na predominância das crenças religiosas como um reflexo de um *status quo* na diferenciação de quem está habilitado para frequentar as pescas de mar, ou para construir uma embarcação. Mas essas questões demandariam um olhar direcionado para a atuação dessas mulheres nos setores de pesca que na comunidade de Canárias são caracterizadas categorias hierarquicamente diferenciadas.

7. REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Trad: Mariza Correa - Campinas, SP: Papirus. 1996.
- CANCLINI, N. Contradições Latino-americanas: Modernismo sem Modernização? In: _____. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade*. pp. 67-98.
- _____. O Por vir do Passado. In. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade*. pp. 159-204
- _____. Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos. In. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade*. pp. 283-350
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 17-58.
- COBRIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 7-99.
- DA MATTA, Roberto. O trabalho de campo na antropologia social. In. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 143-149
- DIEGUES, A. C. A interdisciplinaridade nos Estudos dos Mar: o papel das Ciências Sociais. In. *A Pesca Construindo Sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/ USP, 2004. pp. 15-46.
- _____. Tradição e mudança nas comunidades de pescadores do Brasil: por uma socioantropologia do mar. In: *A Pesca Construindo Sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/ USP, 2004. pp. 83-102
- DIEGUES, A. C. A produção e reprodução social dos pescadores artesanais. In: *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio;94) pp.193-202
- DURKHEIM, É. Regras relativas à explicação dos fatos sociais. In: *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 91-126.
- GANDARA, G. S. Eu, o Rio. In: *Rio Parnaíba... Cidades-Beira (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2010. pp. 17-97.

- GUERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio Janeiro: LTC, 2008, p. 3-24.
- GOFFMAN, E. Representações. In: *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975. pp. 25-75.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. SILVA, T; Louro, G. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LAPLANTINE, François. Os pais fundadores da Etnografia: Boas e Malinowski. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 75-86.
- LAPLANTINE, François. Uma ruptura metodológica: a prioridade dada à experiência pessoal do campo. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 149-151.
- MALDONADO, S. C. *Mestres & Mares: espaços e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: ANNABLUME, 1993.
- MALINOWSKI, B. K. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
- MAQUIAVEL, N. O Príncipe: escritos políticos. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.76 (Os Pensadores).
- MARTINS, J de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. pp. 183-193.
- MEIRELES, V. de J. S. Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade Canárias, reserva extrativista marinha do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil. Teresina: 2012.
- MOTTA, A. B. da; WELLER, W. *Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica*. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010. p. 175-184.
- MMA/SDS. *Zoneamento Ecológico-Econômico do Baixo Rio Parnaíba: Subsídios técnicos, Relatório Final*. - Brasília, 2002.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 17-36.

- PAIS, J. M. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In: MENDES, M. I.; EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 07-21.
- RAMALHO, Cristiano W. N. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. *Revista de Ciências Sociais*. V. 43. Nº 1-jan/jul: Fortaleza: UFC, 2012. p. 08-27.
- RESENDE, A. T. *A origem da institucionalidade da pesca artesanal*. In: SILVA, C. A. da. (org). *Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 43-68.
- RIBEIRO, M. *Sentidos da Pesca e a Pesca dos Sentidos: um estudo psicossocial para compreensão do sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipióca-Maceió-AL*. Maceió: EDUFAL, 2011.
- SAHLINS, M. La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 166-203.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. [Trad. Pedro Caldas]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SOARES, L. S. H., et al. *Pesca e produção pesqueira*. In: HATJE, V., and ANDRADE, JB., orgs. *Baía de todos os santos: aspectos oceanográficos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 158-206. ISBN 978-85-232-0929-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- VELHO, Gilberto (coord.). *O Antropólogo Pesquisando em sua Cidade: sobre Conhecimento e Heresia*. In. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p.13-21.
- WEBER, M. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In. COHN, G (org.). FERNANDES, F. (coord.). *Sociologia. (Col.) Grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 2003. pp. 79-127.

SITES PESQUISADOS:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/05/>

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ministerio_da_Pesca_e_Agricultura

<https://segurodesemprego2016.net/seguro-defeso-2017/>

www.planauto.gov.br/civil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D8963.htm

www.planauto.gov.br/civil_03/leis/2003/L10.779.htm

www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/TRABALHO-EPREVIDENCIA/517440-COMISSAO-UNIFORMIZA-CONCEITO-DE-PESCADOR-ARTESANAL-EM-LEIS-PARA-GARANTIR-BENEFICIOS-PREVIDENCIARIOS.html

www2.planauto.gov.br/previdencia/ministros/ministrerio-da-pesca-e-agricultura

g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/